

Sítios e Jardins com valor Histórico – Cultural e Turístico.

Contributos para uma Metodologia de Identificação com objetivos de Visitação Pública.

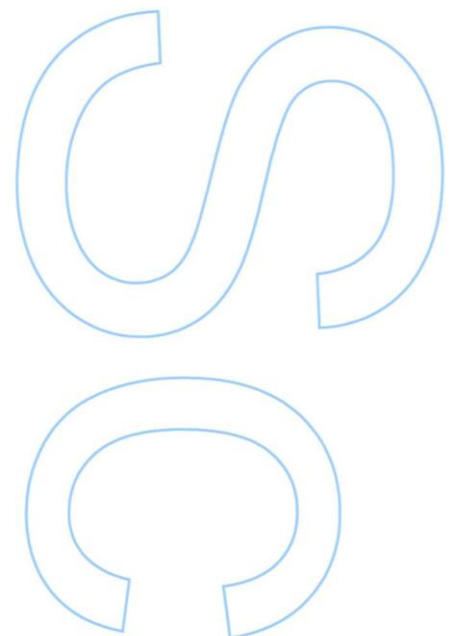
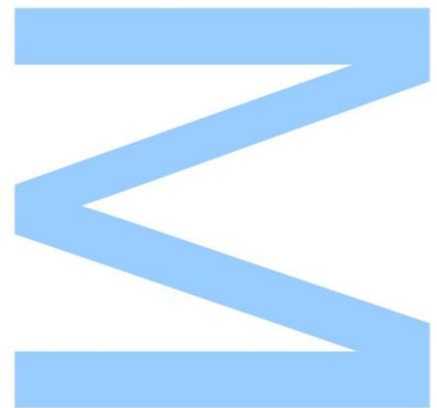
Daniela Raquel Machado dos Santos

Arquitetura Paisagista

Departamento de Geociências, Ambiente e Ordenamento do Território
2016

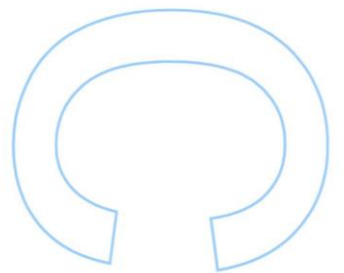
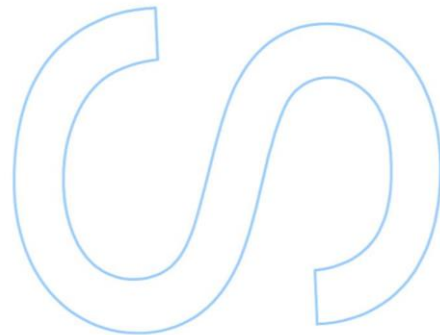
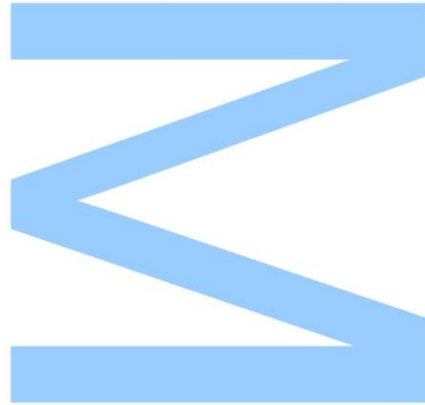
Orientador

Teresa Dulce Portela Marques, Arquitecta Paisagista e Professora, Faculdade de Ciências da Universidade do Porto



Todas as correções determinadas
pelo júri, e só essas, foram efetuadas.
O Presidente do Júri,

Porto, ____/____/____



Agradecimentos

Quero apenas mostrar a minha gratidão a todos os colegas que pelo seu contributo e disponibilidade me ajudaram a tornar possível o desenvolvimento deste trabalho, quer pela disponibilização de material de trabalho, quer pelo conhecimento partilhado.

Agradeço também a todos os que partilharam comigo as minhas dúvidas, indecisões, medos e me deram força nos momentos de desânimo, acreditando sempre em mim, mesmo quando eu própria duvidava.

Obrigada.

Resumo

O presente relatório de estágio resulta do trabalho desenvolvido na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, no âmbito do mestrado em Arquitetura Paisagista e está vocacionado para a inventariação e caracterização de Sítios e Jardins históricos.

O trabalho desenvolvido parte da necessidade de se elaborar um estudo de conceção de um Guia de Sítios e Jardins da Região Norte de Portugal.

O trabalho desenvolvido versa sobre a elaboração de uma metodologia de trabalho com vista à identificação de Sítios e Jardins com potencial valor histórico - cultural e turístico que possam integrar um guia para a visita para vários tipos de público e aplicar essa metodologia à definição de um modelo-tipo de guia.

Palavras-Chave:

Património Paisagístico; Sítios; Jardins; Identificação; Levantamento; Inventariação; Metodologia; Visitação Pública;...

Abstract

This internship report is a result of the work developed at the Faculty of Sciences of University of Porto, in the Masters in Landscape Architecture and is devoted to inventorying and characterization of historic sites and historic gardens.

The labour executed comes from the necessity to create a design study of a Guide Historic Sites and Gardens of the North of Portugal.

The labour addresses the development of a working methodology for the identification of historic sites and gardens with potential historical-cultural and touristic value that could integrate a guide for visitation to diverse audiences and to apply this methodology to define a standard model of a guide.

Keywords:

Heritage landscapes; historic sites; gardens; identification; survey; inventorying; Methodology; Public visitation; ...

Índice

Capítulo 1 - Introdução	11
1.1. Tema e Objetivos do Trabalho.....	11
1.2. Metodologia de Trabalho	12
1.3. Programação dos Trabalhos.....	13
Capítulo 2 - A Região Norte: Organização Administrativa e Paisagem	14
2.1. Organização Administrativa.....	14
2.2. A Paisagem.....	16
Capítulo 3 - Sítios e Jardins com valor Histórico	18
3.1. Enquadramento Nacional – Inventariação do Património em Portugal	18
3.2. Metodologias de levantamento de Sítios e Jardins Históricos	20
3.3. Identificação de Sítios e Jardins da Região Norte	25
3.4. Identificação de Sítios e Jardins da Sub-Região do Ave, Concelho de Vila Nova de Famalicão.....	31
3.5. Identificação de Sítios e Jardins com valor para integração num guia do concelho de Vila Nova de Famalicão	40
3.6. Avaliação do potencial de visitação e seleção de Sítios e Jardins	52
Capítulo 4 - Conclusões e Recomendações	59
4.1. Metodologia de Identificação de Sítios e Jardins com potencial valor Histórico-Cultural e Turístico	59
4.2. Exemplo de Aplicação da Metodologia - Definição de um modelo-tipo de guia	62
Referências bibliográficas	64

Lista de quadros e de figuras

Capítulo 1

Fig.1.1 – Património Paisagístico. Adaptado de Cancela d'Abreu, A. 2010

Quadro 1.1 – Metodologia de Trabalho

Quadro 1.2 – Cronograma de Trabalho

Capítulo 2

Fig. 2.1 – Região Norte (NUT II) Fonte: e-Geo; Tratamento de dados: Daniela Santos, ArcGis 10.1

Fig. 2.2 – Antigas Províncias da Região Norte (NUT II) Fonte: e-Geo; Tratamento de dados: Daniela Santos, ArcGis 10.1

Fig. 2.3 – Região Norte: Relevo e Hidrologia Fonte: e-Geo; Tratamento de dados: Daniela Santos, ArcGis 10.1

Quadro 2.1 – Áreas das Sub-Regiões da Região Norte (Nuts III) Fonte: CAOP 2015; Tratamento de dados: Daniela Santos, ArcGis 10.1

Capítulo 3

Fig.3.1 – Esquema indicativo de Fontes de Informação Bibliográfica consultadas

Fig. 3.2 – Exemplo da Ficha Bibliográfica e de Nível de Conteúdo relativa ao livro “Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal” (para o caso da Sub-Região do Alto Minho)

Fig.3.3 – Tabela de Conteúdo Bibliográfico

Fig. 3.4 – Áreas dos Concelhos da Sub-Região do Ave com indicação das áreas respectivas e número de Sítios e Jardins identificados (137). Fonte: CAOP 2015 e e-Geo; Tratamento de dados: Daniela Santos, ArcGis 10.1

Fig. 3.5 – Mapa de Freguesias de Vila Nova de Famalicão (Sub-Região do Ave, Região Norte)

Fig. 3.6 – Exemplo de identificação por Carta Militar: Quinta de Gemunde, Freguesia de Freguesia de Gondifelos, Cavalões e Outiz; Fonte: Cartas Militares 1940. e-Geo

Fig. 3.7 e 3.8 – Exemplo de identificação via satélite: Palácio da Igreja Velha, Freguesia de Vermoim e Quinta na Freguesia de Requião; Fonte: Google Earth

Fig. 3.9 – Exemplo de processo de identificação de formas a partir de imagem de satélite (Google Earth)

Fig. 3.10 – Postal ilustrado a cores: “Famalicão – Casa do Vinhal”; sem data; Edição da Tipografia Minerva – Famalicão; Formato: aprox. 9 cm X 14 cm Fonte:

[http://www.delcampe.net/page/item/id,306098155,var,BRAGA--VILA-NOVA-DE-FAMALICAO--Casa-do-Vinhal Ed-Tipografia-Minerva-carte-postale,language,E.html](http://www.delcampe.net/page/item/id,306098155,var,BRAGA--VILA-NOVA-DE-FAMALICAO--Casa-do-Vinhal%20Ed-Tipografia-Minerva-carte-postale,language,E.html)

Fig. 3.11 e 3.12 – Comparação de Fotos SIPA de 1993 e Imagens Google Earth 2016

Fig. 3.13 – Exemplo de processo de identificação de formas a partir de imagem de satélite (Google Earth)

Fig.3.14 – Esquema do desenvolvimento do trabalho na fase de consulta de Fontes de Informação

Fig.3.15 – Indicação das freguesias em estudo no Mapa de Freguesias de Vila Nova de Famalicão (Sub-Região do Ave, Região Norte)

Fig. 3.16 – Mapa de localização de Sítios e Jardins – Riba de Ave; Fonte:Google Earth

Fig. 3.17 – Mapa de localização de Sítios e Jardins – União de Freguesias de V.N.Famalicão e Calendário; Fonte: Google Earth

Fig. 3.18. – Esquema de Facilidade de Visitação

Fig. 3.19 – Gráfico de propriedade dos Sítios e Jardins

Fig. 3.20 – Sítios e Jardins (Retificação de Designações e Nova entrada) – União de Freguesias de Vila Nova Famalicão e Calendário; Fonte: Daniela Santos,Google Earth

Fig. 3.21 – Sítios e Jardins (Retificação de Designações) – Freguesia de Riba de Ave; Fonte:Google Earth

Quadro 3.1 – Tabela Indicativa do número de Fontes de Informação Bibliográfica consultadas

Quadro 3.2 – Número de Sítios e Jardins por Sub-Região (Nuts III)

Quadro 3.3 – Número de Sítios e Jardins por Sub-Região (Nuts III) e concelho

Quadro 3.4 – Modelo de Fichas de Sítios e Jardins

Quadro 3.5 – Exemplo de preenchimento de Ficha de Sítios e Jardins – Casa do Cruzeiro, União de Freguesias de Lemenhe, Mouquim e Jesufrei

Quadro 3.6 – Modelo de Ficha de Campo

Quadro 3.7 – Quinta da Palmeira – Novo Sítio ou Jardim adicionado após a visita de campo

Fig. 3.22 e 3.23 – Sítios e Jardins – União de Freguesias Vila Nova de Famalicão e Calendário e Freguesia de Riba de Ave

Quadro 3.8 – Alterações à “Ficha de Sítios e Jardins”

Quadro 3.9 – Critérios para a Avaliação do Potencial de Visitação

Quadro 3.10 – Quadro de Pontuações aplicado à Casa do Vinhal

Quadro 3.11 – Quadro de Pontuações aplicado à Praça 9 de Abril

Capítulo 4

Fig. 4.1 – Metodologia de Identificação de Sítios e Jardins com potencial Histórico - Cultural e Turístico

Lista de abreviaturas

APJH – Associação Portuguesa de Jardins Históricos

ANBA - Academia Nacional de Belas-Artes

CCDR-N - Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte

CIM – Comunidade Intermunicipal

DGPC - Direção-Geral do Património Cultural

DGEMN - Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

IGESPAR - Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico

IHRU - Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana

IMC - Instituto dos Museus e da Conservação

IPA - Inventário Artístico de Portugal

IPPC - Instituto Português do Património Cultural

SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico

PIB – Produto Interno Bruto

UTAD - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Capítulo 1 - Introdução

1.1. Tema e Objetivos do Trabalho

O presente relatório de estágio resulta do trabalho desenvolvido no mestrado em Arquitetura Paisagista da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, no âmbito da identificação e caracterização de Sítios e Jardins históricos.

O trabalho desenvolvido parte do interesse em se elaborar um estudo para a conceção de um Guia de Sítios e Jardins de valor histórico da Região Norte¹ de Portugal. Versando, por isso, sobre os Sítios e Jardins dos concelhos integrantes da Região Norte que constituem locais de referência pelo seu valor paisagístico singular, nível de manutenção e conservação, bem como pela possibilidade de acesso e usufruto público.

Os Sítios e Jardins de valor histórico fazem parte do conjunto do nosso património paisagístico de amenidade, com interesse cultural e artístico. O interesse do património paisagístico revela-se em valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade e exemplaridade (Cancela d'Abreu, 2010), que interessa conhecer e divulgar com vista à sua apropriação por parte do público e, conseqüentemente, à sua salvaguarda e apreciação.

O objetivo do estágio consiste, então, na elaboração de uma metodologia de trabalho², simples e expedita, com vista à identificação de Sítios e Jardins com (potencial) valor histórico – cultural e turístico devendo, ainda, ter importância e valor na atualidade e servir o objetivo da visitação por vários tipos de público. A metodologia elaborada, deve incluir todas as etapas necessárias à elaboração de um Guia de Sítios e Jardins (tipo de informação a incluir, como a apresentar, etc.) e servir de base para o desenvolvimento futuro de trabalhos idênticos.

¹ O estudo, ainda não protocolado, foi solicitado à FCUP pela APJH com o apoio da CCDDR-N. (elaborado segundo a classificação das regiões)

² Para a produção da metodologia efetuou-se um estudo preliminar (Enquadramento Teórico) que se encontra em anexo (anexo 1).

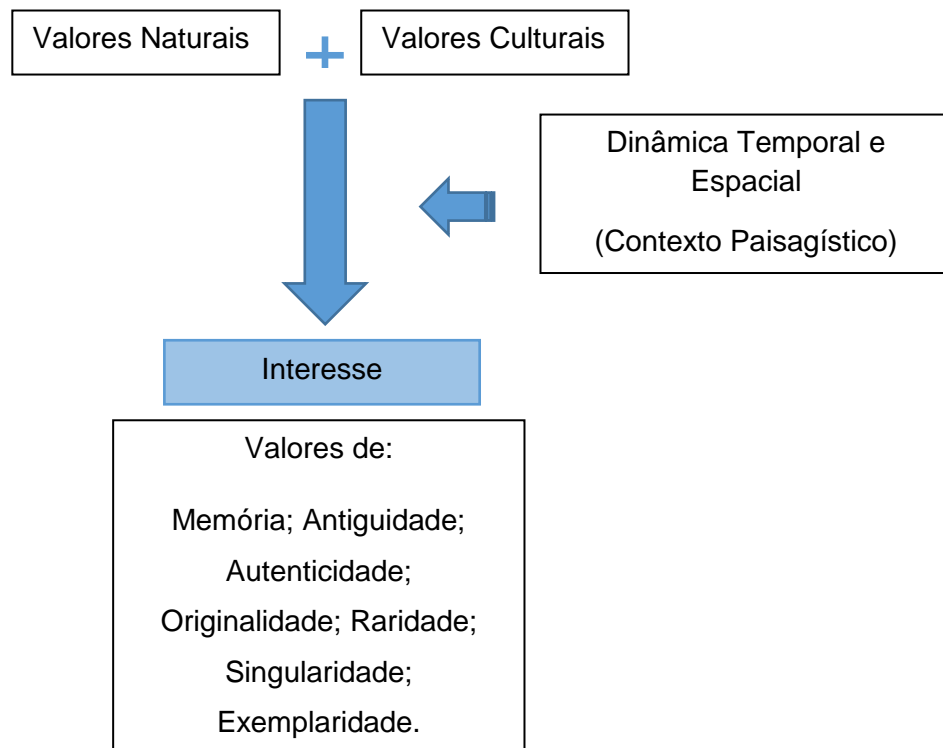
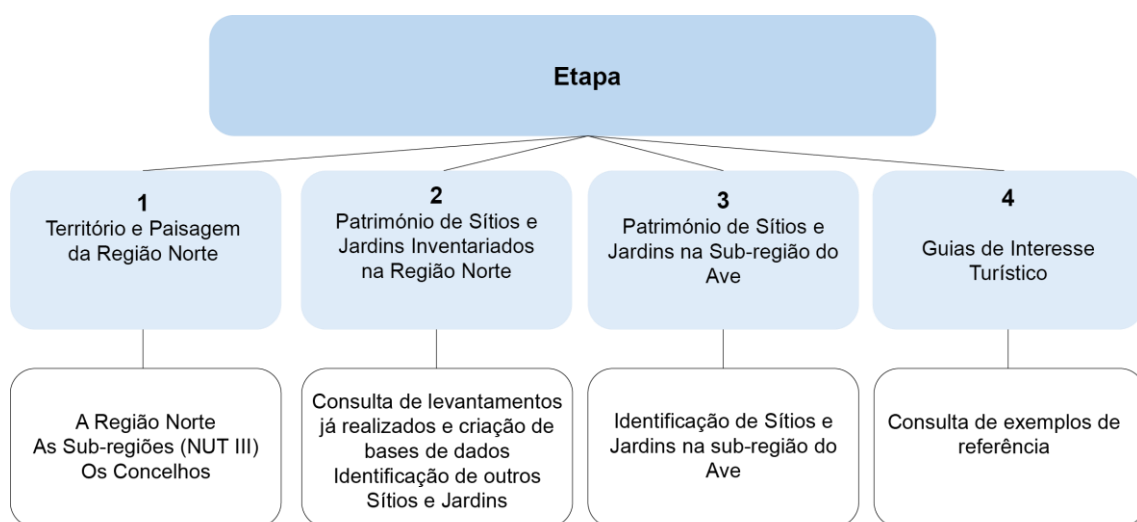


Fig.1.1 – Património Paisagístico. Adaptado de Cancela d'Abreu, A. 2010

1.2. Metodologia de Trabalho



Quadro 1.1 – Metodologia de Trabalho

Primeiramente (etapa 1) efetuou-se um estudo ao nível do Território e da Paisagem de modo a conhecer as características do local de estudo. Estudou-se a

Região Norte e a sua divisão e organização administrativa: Sub-regiões (NUTs III) e concelhos. Analisou-se, ainda, a sua diversidade paisagística.

A segunda fase da metodologia de trabalho (etapa 2) consistiu na consulta de levantamentos de Sítios e Jardins já realizados no contexto nacional, de modo a conhecer o conjunto deste património já identificado na Região Norte.

Assim, para este estudo, foram consultados os levantamentos efetuados pelos organismos do Estado como o projeto IPA (Inventário Artístico de Portugal) e o inventário da DGPC (Direção-Geral do Património Cultural), bem como por instituições públicas como o projeto: “*Arte Paisagista no Norte de Portugal, Inventário de Sítios de Interesse*” da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), e levantamentos efetuados por pessoas singulares através de publicações em livro e online.

Conclui-se sobre a necessidade de reunir toda esta informação, de a verificar e, eventualmente, completar e selecionar, desenvolvendo uma base de dados padronizada. Também pelo facto de, neste trabalho, se procurar mostrar Sítios e Jardins que ainda não foram inventariados, surge a necessidade de se efetuar um levantamento próprio através da cartografia e imagem de satélite.

Tendo em conta a possível integração dos Sítios e Jardins com (potencial) valor Histórico - Cultural e Turístico selecionados num guia com objetivo de visita por vários tipos de público, é necessário avaliar o estado atual de conservação e manutenção, bem como a área envolvente, sendo precisa a realização de visitas para avaliar estes parâmetros.

Por fim, (etapa 3) com vista à aplicação da metodologia à definição de um modelo-tipo de guia, foi necessário efetuar uma consulta de guias de Sítios e Jardins com interesse turístico já existentes, de modo a dar contributos quanto à melhor forma de comunicação e apresentação dos conteúdos considerando o conjunto diverso de público que o guia deve servir.

1.3. Programação dos Trabalhos

Como método de gestão do tempo de investigação, recorreu-se à programação dos trabalhos, optando-se pela calendarização das ações e monitorização do tempo de elaboração através de um cronograma de trabalho semanal simplificado, divisão da

metodologia por etapas temporais e monitorização do número de horas despendido em cada tarefa.

Atividade	Dez		Jan		Fev				Mar					Abr				Mai				Jun				
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26
Enquadramento Teórico (Anexo)																										
Análise do Território																										
Fontes de Informação																										
Organização da Informação recolhida																										
Visita aos Sítios e Jardins																										
Síntese e Proposta																										
Tese																										

Quadro 1.2 – Cronograma de Trabalho

Capítulo 2 - A Região Norte: Organização Administrativa e Paisagem

2.1. Organização Administrativa

A Região Norte corresponde ao nível II das NUTS - Nomenclatura de Unidades Territoriais para Fins Estatísticos, ou seja, as regiões estatísticas em que se divide o território dos países da União Europeia aprovadas pela Comissão Europeia (CCDR-N, 2016).

A Região Norte corresponde a uma área de 21285,9 Km² ou seja, 23,9 % do território de Portugal

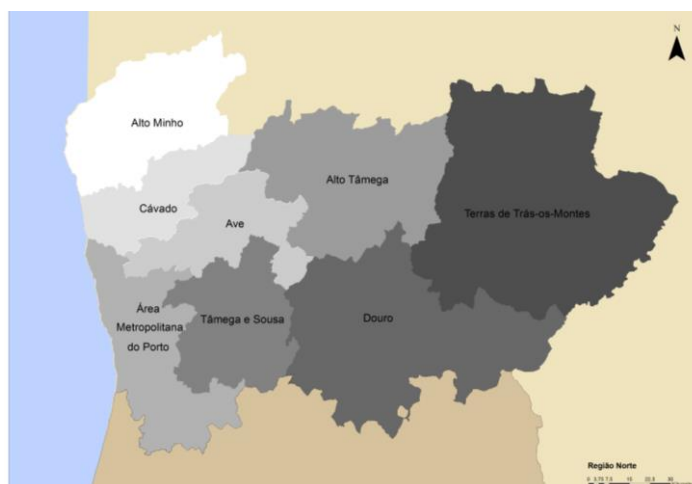


Fig. 2.1 – Região Norte (NUT II) Fonte: e-Geo; Tratamento de dados: Daniela Santos, ArcGis 10.1

Continental. Organiza-se administrativamente em 8 sub-regiões (NUTs III), administradas por 7 Comunidades Intermunicipais (CIM) e uma Área Metropolitana, constituídas por 86 municípios.

No total conta com cerca de 3,6 milhões de habitantes, ou seja, 37% da população residente em Portugal Continental, sendo o maior centro populacional do país. É responsável por 39% das exportações nacionais e 29% do PIB da economia nacional.

Administrativamente, compreende as antigas províncias de “Entre-Douro-e-Minho” e “Trás-os-Montes e Alto Douro”.

A província de “Entre-Douro-e-Minho” corresponde às atuais sub-regiões do *Alto Minho*, *Cávado*, *Área Metropolitana do Porto*, *Tâmega e Sousa* e *Ave* (com a exceção do concelho de Mondim de Basto). Mondim de Basto e as sub-regiões do *Alto Tâmega*, de *Trás-os-Montes* e do *Douro* correspondem à antiga província de “Trás-os-Montes e Alto Douro”.

Sub-Regiões da Região Norte (Nuts III)	Área (Km ²)
Alto Minho	2218,8416
Cávado	1245,7907
Ave	1451,3197
Área Metropolitana do Porto	2041,3145
Alto Tâmega	2921,9085
Tâmega e Sousa	1831,5152
Douro	4031,5769
Terras de Trás-os-Montes	5543,5964

Quadro 2.1 – Áreas das Sub-Regiões da Região Norte (Nuts III)
Fonte: CAOP 2015; Tratamento de dados: Daniela Santos, ArcGis 10.1



Fig. 2.2 – Antigas Províncias da Região Norte (NUT II) Fonte: e-Geo; Tratamento de dados: Daniela Santos, ArcGis 10.1

2.2. A Paisagem

Relativamente à Paisagem e sua caracterização consultou-se o estudo levado a cabo à escala nacional continental por António Cancela d'Abreu, Teresa Pinto Correia e Rosário Oliveira, em 2002, intitulado "Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal Continental"



Fig. 2.3 – Região Norte: Relevo e Hidrologia Fonte: e-Geo; Tratamento de dados: Daniela Santos, ArcGis 10.1

(volume 2 "Grupos de Unidades de Paisagem: A (entre Douro e Minho) e E (Douro)").

A Região Norte é limitada a Norte e a Este pelo território Espanhol, a Sul pela Região Centro e a Oeste pelo Oceano Atlântico. Os principais rios são o Minho, o Lima, o Cávado, o Ave e o Douro. Quanto ao relevo, a Região Norte é a mais acidentada do território nacional.

Tratando-se de um território muito vasto e diversificado, o estudo referido, divide a região em 5 grupos de Unidades de Paisagem:

O Grupo A corresponde ao Vale do Minho, Entre Minho e Lima, Vale do Lima, Entre Lima e Cávado, Entre Cávado e Ave, Vale do Ave, Serras de Valongo, Serras da Peneda-Gerês, Serra da Cabreira e Montelongo, Minho Interior e Baixo Tâmega e Sousa.

Este Grupo de Unidades de Paisagem caracteriza-se, em termos morfológicos, por ser um grande anfiteatro virado ao mar formado pelas serras da Peneda e do Gerês, variando altimetricamente entre os 0 e os 2000 m nas serras interiores. O clima é marcado pelo relevo que expõem ou protege o território à influência do oceano. Este marca fortemente a faixa litoral, mais baixa e plana, com o predomínio do clima marítimo. No interior, dominado pelos granitos e com relevo acidentado, os terrenos são compartimentados mas bastante férteis e sobrepõem funções produtivas e habitacionais. Relativamente à vegetação, encontra-se sobre o domínio do *Quercus robur* e espécies associadas.

O Grupo B, compreendido pelas Serras de Larouco e Barroso, Terras de Basto e Serras do Marão e Alvão. Caracteriza-se por relevos acentuados e vales encaixados (altitudes entre os 800 e os 1200m) e por uma zona baixa no vale do rio Tâmega. A presença do Homem não é muito notória, remetendo as pequenas povoações para a meia encosta, bem integradas na paisagem envolvente onde predominam o *Quercus robur* e o *Quercus pyrenaica* (Carvalho negral). Quanto ao clima, faz-se sentir um clima marítimo de transição.

O Grupo C corresponde à Veiga de Chaves, Vale do Corgo, Serras da Falperra e Padrela, Terra Fria Transmontana, Baixa de Valpaços, Terras de Bragança/Macedo Cavaleiros, Vale do Sabor, Planalto Mirandês, Douro Internacional, Terra Quente Transmontana, Serra de Bornes, Baixo Tua e Ansiães e Baixo Sabor e Terras Altas de Moncorvo. Este grupo define-se pela sua morfologia singular de planaltos cortados por vales profundos e maciços de serras. É uma paisagem contrastante devido à altitude (cotas entre os 1000 e 1200m), relevo e clima. Em geral, é marcado pelo clima continental apresentando também, devido ao relevo, grandes amplitudes térmicas anuais. No seu conjunto, caracteriza-se pela sua compartimentação e diversidade da paisagem e pelo seu mosaico agrícola implantado em função do relevo que permite também a existência de pastagens, matos e matas. Quanto à flora autóctone, verifica-se a predominância da azinheira e carvalho negral.

O Grupo D corresponde às unidades de paisagem do Litoral a Norte do Porto, Grande Porto e Espinho, Santa Maria da Feira e S. João da Madeira e caracteriza-se pela sua proximidade ao oceano e pelo seu carácter diverso quanto às componentes paisagísticas existentes. É um território profundamente alterado e de carácter urbano e periurbano. O seu relevo é suave (dominância das altitudes inferiores a 200m) à exceção do vale do Rio Douro, onde dominam os granitos. Quanto ao clima é marítimo e com moderadas amplitudes térmicas anuais.

Por fim, o Grupo E diz respeito às unidades de paisagem do Baixo Douro, Ribadouro, Douro Vinhateiro e Alto Douro. Caracteriza-se, essencialmente, pela presença do Rio Douro e o vale profundamente entalhado variando altimetricamente desde o nível do mar até cerca de 120m. Esta característica de vale encaixado, define a sua delimitação como unidade própria. A sua paisagem individualiza-se pelas suas culturas que tiram partido dos seus recursos naturais, solo e clima, nomeadamente a cultura da vinha, amendoeira e oliveira. É bastante influenciada pelo regime hidrológico do rio e pelas grandes diferenças climáticas desde a nascente até à foz, tendo assim influências atlânticas e continentais.

As características do território referidas são importantes pois influenciam a existência de Sítios e Jardins, ou seja, um meio que propicie melhores condições à instalação e proliferação das atividades do Homem, propicia mais riqueza que pode ser investida em objetos de lazer como os Sítios e Jardins. Outro fator importante é a topografia do terreno pois se este for muito acidentado é mais difícil a sua instalação.

Capítulo 3 - Sítios e Jardins com valor Histórico

Neste trabalho, são considerados “Sítios” os Santuários, Mosteiros e Conventos, Calvários, Avenidas/Alamedas, Praças ajardinadas e Matas; e “Jardins” os Jardins e Parques públicos, Jardins privados, e Quintas de recreio.

3.1. Enquadramento Nacional – Inventariação do Património em Portugal

Primeiramente importa conhecer alguns conceitos base como: inventário e inventariação. O Inventário é um levantamento de um conjunto de objetos, que resulta num processo de inventariação. Desde modo, inventariação de Sítios e Jardins históricos, serve os objetivos do inventário (Estadão, L., 2010):

- Devolver à sociedade as paisagens históricas com o intuito de esta compreender as questões relacionadas com o património natural e cultural.
- Incentivar novas utilizações dos espaços com a sua valorização através da manutenção de estruturas e dinâmicas dos ecossistemas associados e ainda, destacar a arte no contexto histórico.
- Contribuir para a divulgação e promoção do interesse pelos locais através de técnicas de interpretação inovadoras e eficazes (Estadão, L. 2010).

No panorama nacional, a 1ª lista exaustiva de monumentos classificados foi elaborada pela Direção dos Monumentos Nacionais pelo serviço de Monumentos ao qual competia a atualização do inventário geral dos imóveis classificados.

Em 1932 foi criada a Academia Nacional de Belas-Artes (ANBA) e o conselho superior de Belas-Artes que, em colaboração com a ANBA, organizou o Inventário de Moveis e Imóveis com valor “digno” de inventariação que deu origem, a partir de 1943, à publicação do Inventário Artístico de Portugal (IPA), sendo esta considerada uma

obra de referência do património arquitetónico. Foi este o panorama geral do inventário imóvel português até 1980, quando a Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) recebe uma nova orgânica e é criado o Instituto Português do Património Cultural (IPPC) (Leite, S., 2010).

No que respeita à legislação, em 1985, é publicada a Lei de Bases do Património Cultural (Lei n.º 107/2001, de 08 de Setembro) que obriga ao registo do inventário sistemático e exaustivo dos bens culturais e dos bens classificados. Segundo o Artigo 19.º “Inventariação” desta lei, “Entende-se por inventariação o levantamento sistemático, atualizado e tendencialmente exaustivo dos bens culturais existentes a nível nacional, com vista à respetiva identificação”. São abrangidos bens públicos e privados. Sendo classificados ou mantidos como bens em vias de classificação (Lei de Bases do Património Cultural, Lei n.º 107/2001, de 08 de Setembro).

Em 1993, os diplomas aprovaram e regulamentaram a inventariação do património arquitetónico, atribuindo-lhe a manutenção e atualização da extensa base de dados relativo ao projeto IPA, incluindo a memória dos grandes empreendimentos públicos de construção e restauro dos séculos XIX e XX. Sendo esta informação integrada no SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico) à responsabilidade, desde 2007, do IHRU (Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana) (Leite, S., 2010), responsável pelo património arquitetónico classificado e que integra a antiga DGEMN, criada em 1929, que foi a responsável pelo património construído do país.

Em 1996, através de um protocolo entre a ex-DGEMN e o Centro de História de Arte da Universidade de Évora foi realizado o primeiro Inventário de Património Paisagístico assente em critérios previamente estabelecidos (Gonçalves, R., 2010).

Recentemente, em 2012, deu-se a criação da Direção-Geral do Património Cultural (DGPC) que sucede o Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGPAA) e ao Instituto dos Museus e da Conservação (IMC) (Dec. Lei Nº115/2012 – Direção Geral do Património Cultural).

Este, tem por objetivo assegurar a gestão, salvaguarda, valorização, conservação e restauro dos bens que integrem o património cultural imóvel (aqui se enquadram as paisagens culturais e jardins históricos), móvel e imaterial de Portugal Continental. Sendo responsável pelo “conhecimento, o inventário, a salvaguarda, a conservação, a valorização, a divulgação do património cultural arquitetónico, arqueológico, móvel e imaterial, e a execução da política museológica nacional”. Online, disponibiliza conteúdos de alguns inventários temáticos e informação útil sobre

o processo de inventariação para a utilização por outras entidades e pelo cidadão comum. A pesquisa de património imóvel realiza-se através do motor de pesquisa “Ulysses” e apenas é relativa a Portugal Continental, versando unicamente sobre o Património Classificado. É esta a principal diferença entre o inventário disponibilizado pela DGPC e o inventário disponibilizado pelo SIPA, sendo que, neste último, são também incluídos imóveis em Vias de Classificação.

3.2. Metodologias de levantamento de Sítios e Jardins Históricos

Como já foi referido anteriormente, para este estudo, foram consultadas publicações digitais e em livro resultantes de levantamentos de Sítios e Jardins efetuados por organismos do Estado como o projeto IPA e o inventário da DGPC, mas também, por instituições públicas e pessoas singulares.

Seguidamente, apresentam-se exemplos dos conteúdos e processos de elaboração de dois exemplos dos projetos de investigação que deram origem às seguintes publicações.

- a) Publicação em livro: “Jardins com História, Poesia atrás de Muros” - Projeto de Investigação Científica da Associação de Amigos do Jardim Botânico da Ajuda (2002)

O Livro “Jardins com História, Poesia atrás de Muros” que decorre de um Projeto de Investigação Científica da Associação de Amigos do Jardim Botânico da Ajuda, publicado em 2002, apresenta a metodologia de investigação de jardins e quintas históricas efetuada para a sua elaboração.

Segundo o referido, o estudo desenvolveu-se em três fases: Levantamento, Análise e Síntese. Na primeira fase foi efetuada a auditoria dos levantamentos anteriores que resultou numa listagem dos potenciais jardins de Norte a Sul de modo a efetuar uma base de referência onde constavam os jardins, parques históricos e lugares de interesse paisagístico.

A segunda fase consistiu na análise *in loco* dos jardins listados onde foi recolhida a informação histórica junto dos proprietários, verificada a localização,

acessos, envolvente e estado de degradação. Esta, foi acompanhada por um registo fotográfico dos elementos paisagísticos.

Durante este período, nas visitas efetuadas, foi efetuado um formulário onde constava o tipo de elementos ornamentais que surgiram repetidamente em cada região.

A última fase (fase de síntese) desenrolou-se em sessões de trabalho para afinação de critérios e discussão das qualidades de cada espaço. Para a atribuição de um valor próprio a cada jardim foi necessário sintetizar os traços comuns dos lugares e definir os fundamentos do jardim português, para o qual foi necessário desenvolver uma base de estudo que assentou nos escritos de Caldeira Cabral e Ilídio de Araújo, sendo esta complementada com alguns traços “menos evidentes, sem grandiosidade, o conforto, a intimidade e a escala humana”, potenciando bem-estar, descanso e contemplação.

De modo à realização de um levantamento sistemático, foram selecionados atributos para caracterizar o jardim segundo dois conjuntos referentes ao valor próprio e ao valor complementar, sendo o primeiro referente às qualidades intrínsecas dos jardins, onde foram definidos os seguintes critérios: época de construção, autoria/atributo histórico, atributos paisagísticos, elementos construídos, vegetação, referências bibliográficas e/ou pictóricas e classificação legal.

É referido ainda que durante a terceira fase, após ter sido efetuada a lista de referência, foram acrescentados novos jardins e atribuídos valores às características próprias do lugar.

Tendo em conta que o projeto versava também no potencial turístico dos jardins, foi efetuado um esboço de uma forma de registar os potenciais atributos turísticos ou as desvalorizações mais evidentes, entre outras ações com vista à inclusão no sector do turismo, sendo que, como síntese da terceira fase, efetuou-se a quantificação do valor próprio de cada jardim bem como, o valor ponderado do seu potencial para o turismo.

É ainda de referir que é mencionado que, para o registo do inventário, foi utilizada a divisão geográfica do País pelas comissões de coordenação administrativa (Norte, Sul...), sendo posteriormente efetuado o registo e classificação do património inventariado (Castel-Branco, C., 2002).

- b) Publicação online: “Arte Paisagista no Norte de Portugal – Inventário de Sítios de Interesse” - Projeto de investigação UTAD (2005)

Outro trabalho de levantamento a considerar como referência para este trabalho foi o desenvolvido para a conceção do site da UTAD de “Arte Paisagista no Norte de Portugal – Inventário de Sítios de Interesse”, que consiste no levantamento e registo de sítios de interesse paisagístico no Nordeste de Portugal.

O trabalho desenvolveu-se em várias etapas. A primeira fase consistiu na análise de metodologias utilizadas em trabalhos idênticos por instituições académicas e governamentais nacionais e internacionais. Foi efetuada a avaliação dos objetivos para a realização do inventário, meios humanos, técnicos e financeiros disponíveis bem como, do período temporal de realização do mesmo. Assim, foram analisados os tipos de resultados obtidos e o meio pelo qual foram disponibilizados. Nesta fase deu-se especial atenção aos inventários portugueses (antigos e recentes) o que serviu de confirmação e reajuste dos objetivos do trabalho bem como, da sua área de estudo e tipo de património paisagístico a inventariar e ainda, o modelo de disponibilização pública dos resultados.

Seguidamente, procedeu-se à recolha e análise das fontes de informação acerca do objeto de estudo. Assim, foi efetuada a recolha de informação bibliográfica e iconográfica (análise de trabalhos e literatura de carácter específico e geral) a partir de documentação em suporte analógico (arquivos e bibliotecas públicas e privadas) e digital (Internet). De modo a especificar a pesquisa e aumentar o nível de informação foi importante o estabelecimento de contactos diretos com entidades que fossem possíveis fontes de informação sobre os lugares a inventariar (organismos públicos - câmaras municipais, bibliotecas e arquivos municipais, juntas de freguesia, postos de turismo, proprietários e gestores de Sítios e Jardins). Assim, resultou em mais de 780 sítios com potencial interesse paisagístico.

A par da recolha de informação e das primeiras listagens, foram sendo construídas as bases de dados: digital e o arquivo documental. Para facilitar este processo foram definidos códigos de referência por sítio e dos campos de informação a introduzir e de inserção da informação na plataforma de investigação on-line. Esta organização permitiu a simplificação da introdução de dados, a consulta e a atualização da informação. Na base de dados digital foram criados dois níveis de informação - interface de administração (listagem dos sítios com potencial interesse,

compilação da informação dos levantamentos de campo, organização da pesquisa bibliográfica e georreferenciação da informação - auxílio do ‘*Google maps*’) e interface de consulta pública.

Seguidamente, teve início a fase de visitas aos sítios listados, registo fotográfico e preenchimento da ficha de campo. Neste processo foram também consultados arquivos privados o que permitiu a revisão e consolidação dos dados recolhidos previamente. Este processo permitiu excluir alguns sítios listados pois foram adicionadas informações acerca do contexto atual do local, conservação, modificação, destruição, falta de valor paisagístico atual, ou a não localização dos sítios (localização geográfica errada ou insuficiente, demolição ou substituição) que ditaram a sua remoção. O contacto com a realidade local permitiu também incluir locais à lista prévia pois foi possível identificar, sítios que não listados na etapa anterior (processo de revisão bibliográfica ou da informação providenciada pelos municípios ou arquivos), mas que se evidenciaram pela sua qualidade paisagística. Assim, o contacto com a população local facilitou o contacto com os locais e o acesso a informações complementares.

Seguiu-se uma fase de comparação dos elementos recolhidos no campo com a informação anteriormente obtida na pesquisa documental. Foi então possível identificar e selecionar os sítios de significativo valor artístico e histórico, designados “sítios inventariados”, escolhidos com base num conjunto de critérios como a qualidade estética (organização espacial geral, estrutura e traçado), a qualidade da composição (elementos construtivos, decorativos, e coleção botânica), a referência a um período artístico / projetista reconhecido, a associação com um momento histórico de particular interesse, o grau de influência (contexto cultural e social), a integração e a relação com a paisagem envolvente e o grau de integridade e estado de conservação. Assim, dos 786 sítios listados inicialmente, resultaram cerca de 270 “sítios inventariados” e destes resultaram os “sítios de referência” pelo seu interesse artístico e/ou histórico-cultural especial.

Foi ainda efetuada a análise da posição geográfica dos sítios inventariados na área de estudo sendo verificado um padrão de distribuição ao longo de três eixos principais: Baião - Celorico de Basto, Lamego - Vila Real e vale do Douro o que permitiu inferir a importância dos vales dos rios Tâmega, Corgo e Douro na economia das regiões circundantes, e dos centros urbanos antigos sendo estes possíveis devido aos recursos naturais e da posição geográfica favoráveis existentes na região.

Quanto à última fase, a disponibilização da informação, a edição e publicação da informação foi efetuada a partir de uma base de dados digital onde, para cada sítio inventariado e de referência, foi introduzido um mapa georreferenciado (*'Google maps'*), uma seleção de imagens (recolhidas nos levantamentos de campo), um imagens de arquivo (fotografias e postais antigos), levantamentos cartográficos, etc. bem como uma descrição do sítio (tipologia, estrutura e organização espacial, composição vegetal e elementos decorativos mais significativos, integridade, estado de conservação e, quando possível, informação de histórica). Tipologicamente, para uma mais fácil caracterização, os sítios foram agrupados em conjuntos de tipos de paisagem, sendo eles: Avenida, Campus militar, Campus universitário, Cemitério, Cerca conventual, Claustro, Jardim e Parque públicos, Jardim privado e Quinta de recreio, Parque florestal, Parque termal, Praça e Largo, Santuário, Paisagem cultural e Miradouro. (UTAD, 2015)

As metodologias estudadas serviram de base para a elaboração das fases seguintes e também como meio de comparação entre o trabalho desenvolvido e os trabalhos similares já efetuados.

3.3. Identificação de Sítios e Jardins da Região Norte

Com o objetivo de reunir o conjunto de Sítios e Jardins da Região Norte consultaram-se as fontes de informação bibliográfica disponíveis³ que se designaram por Fontes de Informação Bibliográfica permitindo conhecer o universo já identificado deste património assim como a suas características.

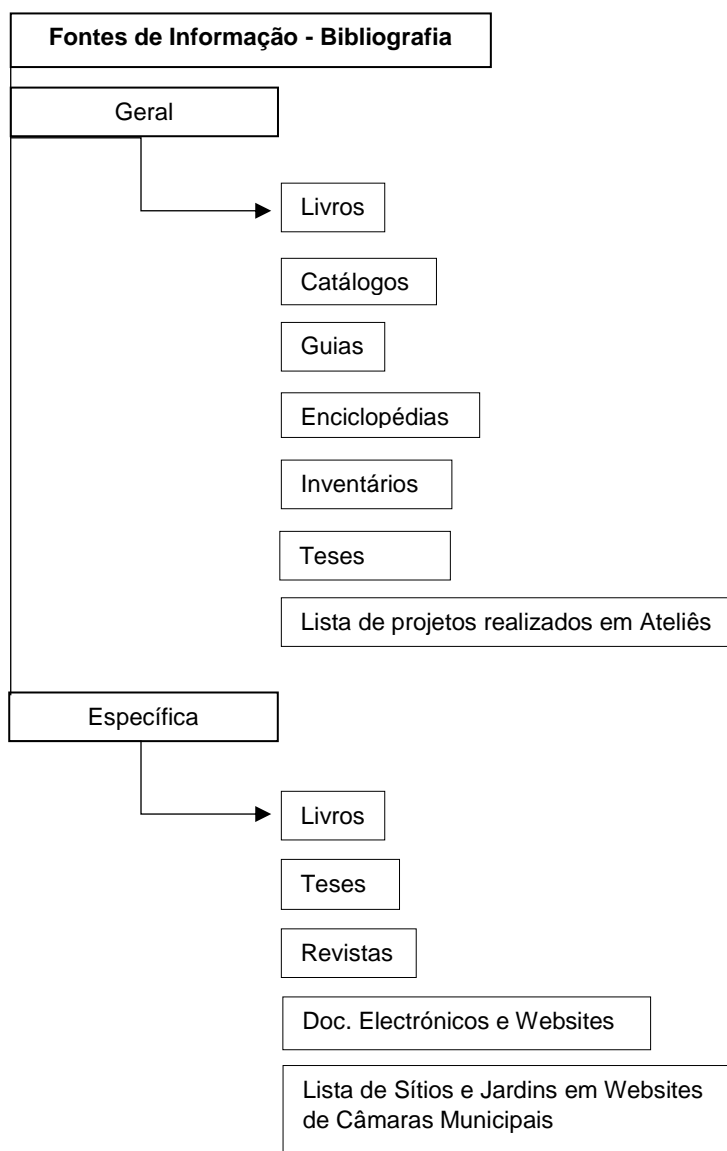


Fig.3.1 – Esquema indicativo de Fontes de Informação Bibliográfica consultadas

As “Fontes de Informação Bibliográfica” consultadas foram de dois tipos: Geral e Específico.

³ Estas Fontes de Informação Bibliográfica foram obtidas através de obras e estudos de referência, particularmente, livros publicados em diversos tempos com qualidade científica, e das listas de bibliografia referidas nestas obras, bem como, obras obtidas na pesquisa em bibliotecas da Universidade do Porto e obras recomendadas ao longo da formação em Arquitetura Paisagista e pesquisas online.

As fontes de tipo Geral dizem respeito a estudos/obras que abrangem um universo geográfico significativamente amplo. Exemplo: o livro: “Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal” que apresenta um conjunto de Sítios e Jardins da Região Norte. As fontes de informação Específicas são necessárias quando a investigação avança para uma fase em que a área de estudo é mais circunscrita (um concelho, uma cidade, um sítio ou jardim). São disso exemplo os websites das câmaras municipais que apresentam os Sítios e Jardins que se situam na sua área administrativa.

No quadro 3.1 apresenta-se o sumário do número de Fontes de Informação Bibliográfica do tipo Geral e Específico consultadas.

Gerais							Específicos					Total
Livros	Livros não impressos	Catálogos	Guias	Enciclopédias	Inventários	Ateliês	Livros	Teses	Revistas	Documentos Eletrônicos e Websites	Websites de Câmaras	
9	1	2	4	1	7	9	5	3	6	4	8	
33							23					

Quadro 3.1 – Tabela Indicativa do número de Fontes de Informação Bibliográfica consultadas

No que respeita às Fontes de Informação Bibliográfica Específicas apenas foram consultadas as disponíveis nas bibliotecas da Universidade do Porto e do município do Porto, e online uma vez que o tempo destinado a este estágio não permitia a consulta de arquivos locais.

Com base na consulta destas fontes de informação foram elaboradas *Fichas Bibliográficas e de Níveis de Conteúdo*⁴ (Fig. 3.2), onde se apresenta, cada uma das Fontes de Informação Bibliográfica⁵ (segundo o sistema de referência no estilo da American Psychological Association (APA)) consultadas neste trabalho (identificada por uma sigla). É também apresentada a designação do Sítio ou Jardim, outras

⁴ As fichas de trabalho constituem um importante ferramenta de trabalho pois permitem a organização do saber e do estudo, possibilitando uma operacionalização da investigação, rentabilizando o investimento e o tempo neles despendido, tornando mais eficaz os passos seguintes (Azevedo, C. & Azevedo, A. 1994). Para além das fichas de trabalho existem outras estratégias semelhantes como é o caso das fichas bibliográficas e de conteúdo. São também estratégias recorrentes as transcrições textuais, a síntese, a reflexão pessoal e a referência (Azevedo, C. & Azevedo, A. 1994).

⁵ As “Fontes de Informação Bibliográfica” permitiram a criação de uma base de dados bibliográfica. Estas permitiram o registo e organização do conhecimento adquirido ao longo dos meses de trabalho e ainda inferir o tempo real despendido numa tarefa deste índole bem como da quantidade de informação que existe acerca do tema. Neste processo despendeu-se cerca de 56 dias ou seja, aproximadamente 3 meses. No entanto este processo é uma etapa que nunca está concluída pois as fontes de informação estão sempre a surgir e cabe então ao investigador limitar o tempo útil desta tarefa em função da profundidade a que pretende chegar e o tempo que pode despende nesta tarefa.

designações (se aplicável) e o nível de conteúdo disponibilizado nesta fonte de informação, através de um degradê de cores (3 níveis: “Apenas mencionado”, “Brevemente descrito” e “Detalhado” de acordo com o nível de conteúdo acerca de traçado, elementos construídos e decorativos e espécies vegetais).

Estas fichas permitem, de uma forma expedita, conhecer os Sítios e Jardins apresentados em cada fonte de informação e o conhecimento que dela pode ser obtido.

Nos anexos 2 e 3 apresentam-se todas as Fichas Bibliográficas e de Níveis de Conteúdo que foram produzidas a partir das fontes de informação consultadas.

Araújo, I. (1962). *Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal*. (Vol. 1). Lisboa: Ministério das Obras Públicas, Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, Centro de Estudos de Urbanismo. **L: APAJP**

↓
Livro Abreviatura do título

Breve Descrição: é um dos marcos da literatura portuguesa relacionada com o inventário e história do património paisagístico português. Elaborado em 1962, era à data o mais completo instrumento de conhecimento acerca do tema. Apresenta e descreve com detalhe os mais importantes Sítios e Jardins de Portugal. Embora, hoje em dia, muitos já tenham sofrido alterações e até demolições continua a ser um dos mais importantes instrumentos de conhecimento do Património Paisagístico Português.

Sub-região - Alto Minho		
Arcos de Valdevez		
Santuário da Srª da Peneda		
Caminha		
Quinta da Torre de Lanhelas		
Calvário de Vila Praia de Âncora		
Monção		
Quinta da Breijoeira		
Ponte de Lima		
Quinta do Cardido		
Paço de Calheiros		
Vila Morais		
Valença		
Cerca do Convento de Ganfei		
Santuário do Monte do Faro	Santuário da Senhora do Faro	
Viana do Castelo		
Casa dos Condes de Almada		
Vila Nova de Cerveira		

Nível de Conteúdo		
Apenas mencionado	Brevemente Descrito	Detalhado

Fig. 3.2 – Exemplo da Ficha Bibliográfica e de Nível de Conteúdo relativa ao livro “Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal” (para o caso da Sub-Região do Alto Minho)

Da reunião de todas as Fichas Bibliográficas e de Níveis de Conteúdo foi possível organizar a informação por Sítio e Jardim para cada sub-região e concelhos respetivos, permitindo conhecer o número de referências para cada Sítio e Jardim e, assim, obter um indicador da sua importância (Fig.3.3).

		LIVROS										GERAL		Guias					Inventários					Atelãs		ESPEC.				To tal			
		L: JHP	L:APAIP	L: SAH	L: MP	L: JP	L: JHPAM	L: APRA	L: ANC	L: DÊNÜB	L: JDP	C: PROAP	C: VB	L: PGSP	L: GPED M	L: SPEDAM II	L: GPFA	W: OCG P	W: APH	W: APNP	W: SAM P	W: DGFC	W: SIFA	W: SP	W: TH								
995 Sítios e Parques de Referência	Sítios e Jardins	Fontes																															
	Santuário de Srª da Penada	S	pp. 10 Séc. XVIII – XIX Santuário Público. pp. 252 – 253 Descrição.		pp. 78 Referência.										pp. 913 Foto típo de Arquivo. S.d. pp. 920 Descrição. Bo. pp. 110 3 Breve descrição. Bo.								IPA: 000022 12 65imagens										
	Quinta Campos Lima	J																						IPA: 000150 97									
⋮																																	⋮
995 Sítios e Parques de Referência	Solar de Vilar de Ocoso/ Casa Grande de Vilar de Ocoso/Palacete da Família Pinto de Moraes Baccelar	J																							IPA: 000220 12 11imagens								
	995 Sítios e Parques de Referência																																
⋮																																	⋮
TOTAL 995 Sítios, Parques e Jardins.																																	

Fig.3.3 – Tabela de Conteúdo Bibliográfico (anexo 4)

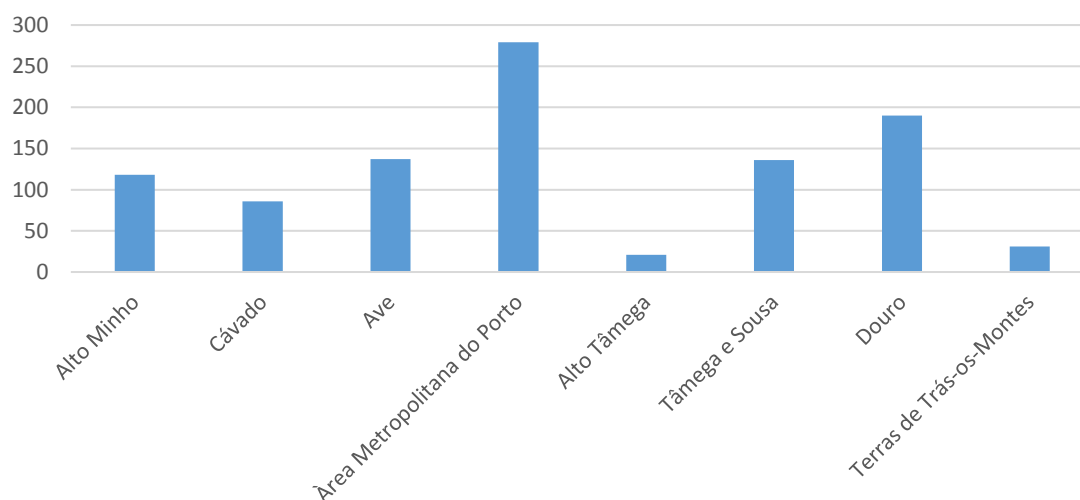
No que respeita às Fontes de Informação Bibliográfica do tipo Específico, sendo estas um contributo que nunca está completamente encerrado durante todo o trabalho de investigação e na impossibilidade de consultar todas as Fontes de Informação Específicas, optou-se por focar a sua consulta na Sub-região do Ave⁶ para tornar possível desenvolver e testar a metodologia em tempo útil. Pela mesma razão, esta consulta foi efetuada à distância sendo pertinente, numa pesquisa com maior tempo disponível, aceder a fontes de informação como atas e documentos históricos, sobre a tutela dos organismos administrativos locais, bibliotecas, arquivos, proprietários, entre outros.

Assim, da análise das Fontes de Informação Bibliográfica resultou a identificação de um total de 998 Sítios e Jardins na Região Norte (Quadro 3.2).

⁶ Este processo demorou cerca de 4 horas para apenas 8 municípios pois a informação acerca do seu património ao nível dos Sítios e Jardins de interesse paisagístico e histórico é de difícil consulta encontrando-se bastante dispersa e difusa.

Sub-Região (NUTTs III)	Nº de Sítios e Jardins
Alto Minho	118
Cávado	86
Ave	137
Área Metropolitana do Porto	279
Alto Tâmega	21
Tâmega e Sousa	136
Douro	190
Terras de Trás-os-Montes	31
Total	998

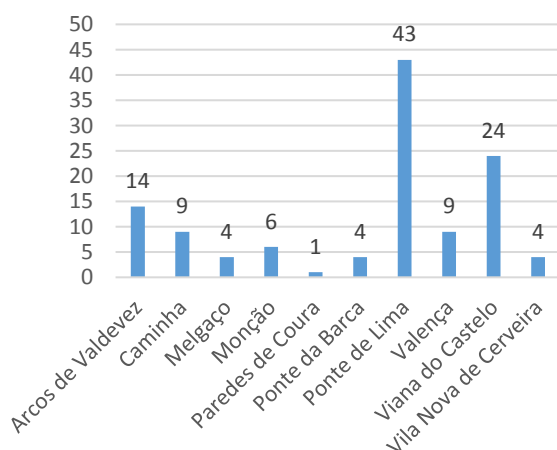
Sítios e Jardins: Região Norte



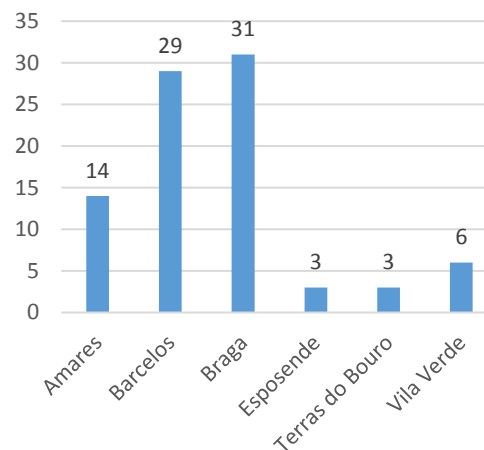
Quadro 3.2 – Número de Sítios e Jardins por Sub-Região (Nuts III)

No quadro 3.3 apresentam-se o número de Sítios e Jardins por sub-região e concelho.

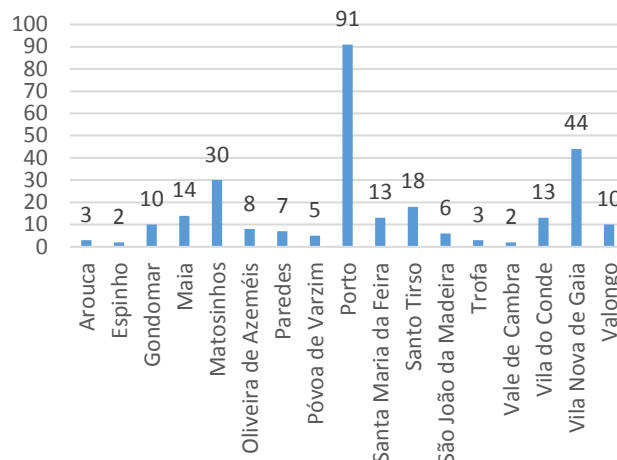
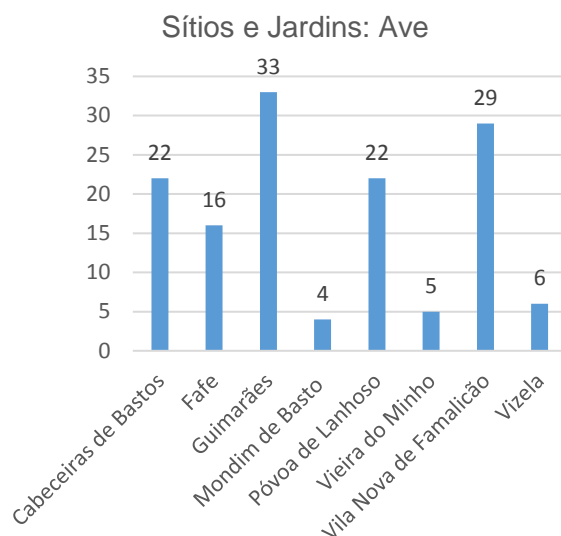
Sítios e Jardins: Alto Minho



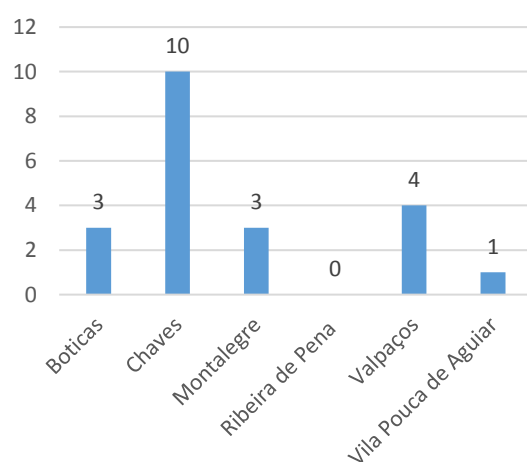
Sítios e Jardins: Cávado



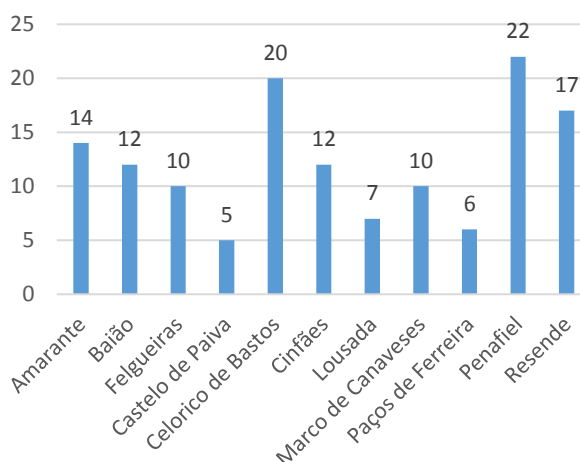
Sítios e Jardins: Área Metropolitana do Porto



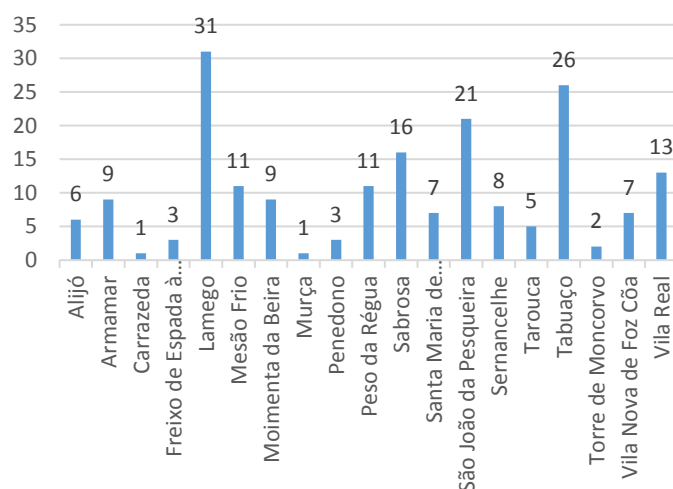
Sítios e Jardins: Alto Tâmega



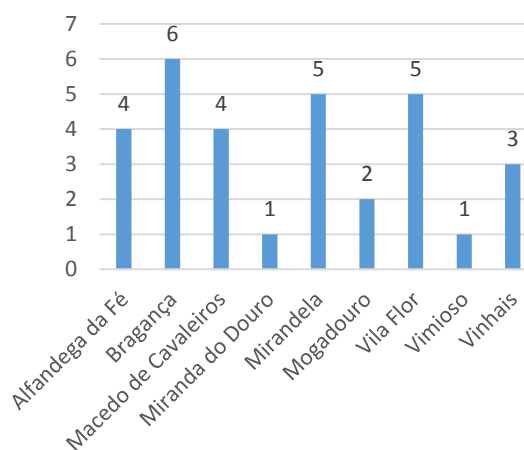
Sítios e Jardins: Tâmega e Sousa



Sítios e Jardins: Douro



Sítios e Jardins: Terras de Trás-os-Montes



Quadro 3.3 – Número de Sítios e Jardins por Sub-Região (Nuts III) e concelho

Dentro de cada sub-região, o número de Sítios e Jardins difere muito de concelho para concelho. Isto, tendo em conta o território estudado, deve-se aos fatores bióticos e abióticos, económicos e históricos dos concelhos. Por exemplo, dentro da Sub-região da Área Metropolitana do Porto, o Porto é o concelho que apresenta maior número de Sítios e Jardins. Isto poderá dever-se à confluência dos cidadãos mais abastados, essencialmente industriais, que procuraram investir as suas riquezas em propriedades num dos centros administrativos mais importantes do país. Outros concelhos puderam ter beneficiado das suas características naturais como a disponibilidade de água e o clima, que propiciaram uma mais fácil instalação dos Sítios e Jardins, apresentando assim um maior número destes objetos de lazer.

3.4. Identificação de Sítios e Jardins da Sub-Região do Ave, Concelho de Vila Nova de Famalicão

O número de Sítios e Jardins identificados na Região Norte, através da metodologia exposta no ponto anterior, é muito significativo, aproximando-se do milhar.

A elaboração de um guia de Sítios e Jardins obriga a uma seleção com base em critérios – valor histórico, cultural, artístico e turístico, nível de integridade e conservação. O tempo disponível para a elaboração deste estágio impede a realização desta tarefa para todos os casos identificados.

Assim, optou-se por se escolher apenas um concelho de uma sub-região tendo-se selecionado a sub-região do Ave (pelo facto de ter sido estudada em unidades curriculares anteriores) e dentro desta, o concelho de Vila Nova de Famalicão por facilidade de comunicação com a autarquia, pelo número de Sítios e Jardins identificados e pela proximidade ao local de estágio.



Fig. 3.4 – Áreas dos Concelhos da Sub-Região do Ave com indicação das áreas respectivas e número de Sítios e Jardins identificados (137). Fonte: CAOP 2015 e e-Geo; Tratamento de dados: Daniela Santos, ArcGis 10.1

Vila Nova de Famalicão situa-se na unidade de paisagem identificada por António Cancela d'Abreu, Teresa Pinto Correia e Rosário Oliveira (2002) como “Vale do Ave” (que corresponde às seguintes unidades administrativas, para além de Vila Nova de Famalicão – concelho de Póvoa de Varzim (parte), Vila do Conde, Santo Tirso, Guimarães e Paços de Ferreira). O Vale do Ave destaca-se pelo seu carácter territorialmente disperso de ocupação urbano-industrial-habitações, armazéns, unidades industriais, comércio e equipamentos. Junto à foz do rio Ave, ainda se observa o seu carácter agrícola dominante inicial.

Sendo bastante industrializado, devido às suas características naturais, ou seja, disponibilidade de água permitiu a proliferação da indústria, essencialmente têxtil. Devido à elevada fertilidade da região associada à disponibilidade de água, é possível retirar partido económico da produção agropecuária.

A riqueza gerada nestas terras permite, e permitiu ao longo dos tempos, aos proprietários e industriais locais investir os seus rendimentos em objetos de lazer como os jardins e quintas. Contudo, muitos preferiram investir essas riquezas em jardins e quintas nas grandes cidades como o Porto. No entanto, na região ainda

existem jardins e quintas que espelham essa realidade, que merecem reconhecimento e ser objeto de estudo neste trabalho.

Alguns dos Sítios e Jardins fundamentalmente de importância local ou regional poderão não constar das Fontes de Informação Bibliográfica consultadas que, naturalmente, se dedicam aos casos mais emblemáticos a nível nacional.

Considerou-se, por isso, necessário completar a informação obtida sobre Sítios e Jardins deste concelho através de consulta de outras fontes de informação, nomeadamente cartográfica.

Estas Fontes de Informação permitiram uma aproximação ao território fazendo a ponte entre o que “já é conhecido e o desconhecido”.

Um Sítio ou Jardim pode não constar nas fontes bibliográficas consultadas passando despercebido até esta fase. Outra razão é o grau de profundidade de investigação a que se pretende atingir e o seu propósito. Para um trabalho de âmbito territorial mais alargado onde se pretendesse apenas mostrar os exemplos mais relevantes dentro do critério selecionado (período, representatividade estilística, personalidade associada, proteção legal,...) a fase de consulta de Fontes de Informação Cartográfica, pode ser descartada.

Optou-se por consultar cartas militares onde se procurou a indicação de toponímia relacionada com os objetos de estudo (“Quinta”, “Mata”, “Casal”, “Mosteiro”, etc.), fez-se uso da imagem de satélite através do Google Earth e Google Maps para identificar visualmente elementos como traçados, áreas de clareira / áreas de mata, áreas muradas, entre outros elementos estruturais que pudessem indicar a existência de um Sítio ou Jardim com potencial Histórico - Cultural e Turístico.



Fig. 3.5 – Mapa de Freguesias de Vila Nova de Famalicão (Sub-Região do Ave, Região Norte)

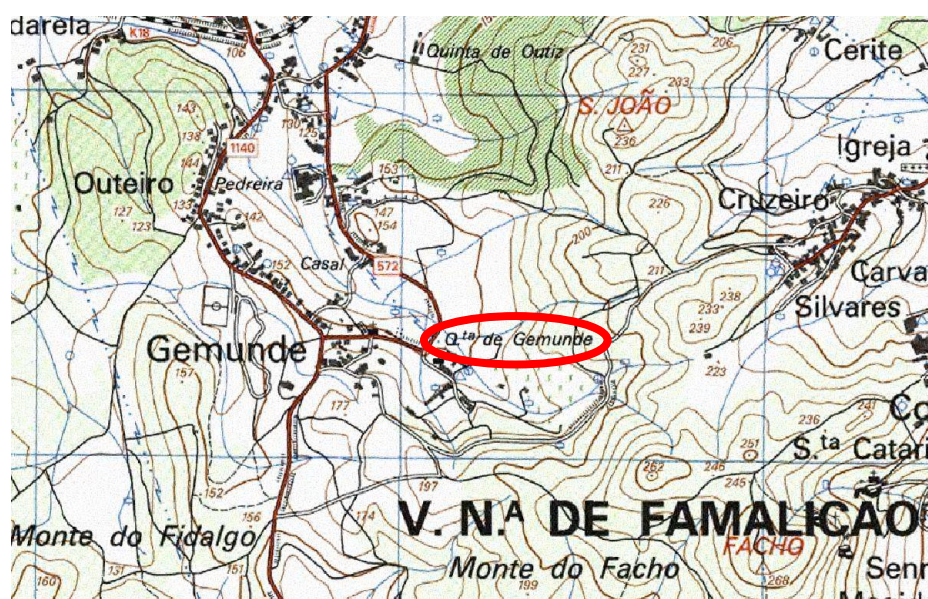


Fig. 3.6 – Exemplo de identificação por Carta Militar: Quinta de Gemunde, Freguesia de Freguesia de Gondifelos, Cavalões e Outiz; Fonte: Cartas Militares 1940. e-Geo

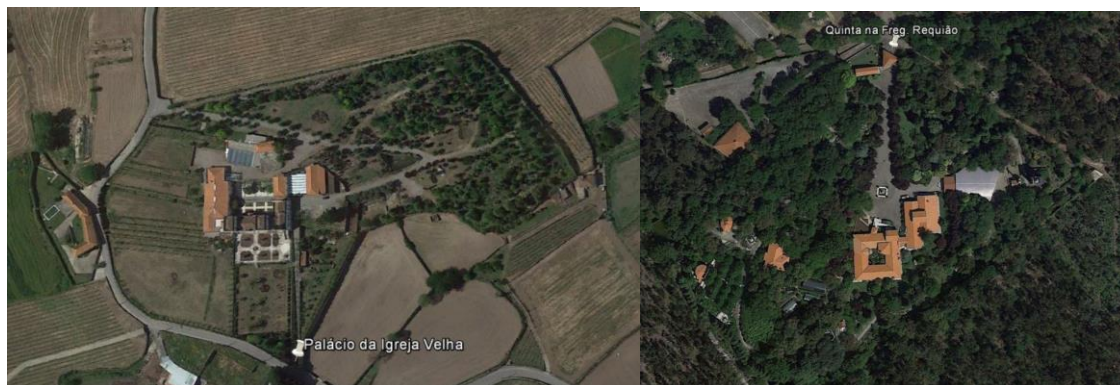


Fig. 3.7 e 3.8 – Exemplo de identificação via satélite: Palácio da Igreja Velha, Freguesia de Vermoim e Quinta na Freguesia de Requião; Fonte: Google Earth

Durante este processo foi possível confirmar a localização de alguns locais identificados a partir das Fontes de Informação Bibliográfica, mas também o desaparecimento de outros. Sempre que existiram dúvidas sobre a localização de Sítios e Jardins mencionados nas Fontes de Informação Bibliográfica recorreu-se à análise cartográfica através da identificação das características referidas.

Foram também identificados novos Sítios e Jardins de interesse através da análise do traçado e das manchas de vegetação identificadas por imagem de satélite (ex. Quinta do Cruzeiro – União de Freguesias de Gondifelos, Cavalões e Outiz; Casa das Tílias – Freguesia de Riba de Ave).

Como exemplos, apresentam-se os casos do Solar de Gemunde e da Casa do Vinhal.

Sabe-se da existência do Solar de Gemunde na freguesia de Outiz, por ser referenciado no website da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão (Fontes de Informação Bibliográfica Específica). Nas cartas militares de 1940 e 1997 aparece a referência a uma “Quinta de Gemunde” também na freguesia de Outiz, lugar de Gemunde. De modo a apurar se se trata da mesma propriedade recorreu-se à imagem de satélite (Google Earth), no local indicado nas cartas militares (1:25000) e comparou-se a organização geral da propriedade, traçado e características com as referências a estes aspetos, providenciadas no website da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão.

De acordo com este website, a propriedade tem cerca de 16 hectares: 10 ha para cultivo e vinhas e 6 ha de floresta. Sabe-se ainda que terá sido originada no século XVIII. A partir destas informações é possível, a partir da análise visual, procurar identificar traçados e formas que ajudem a identificar o local:

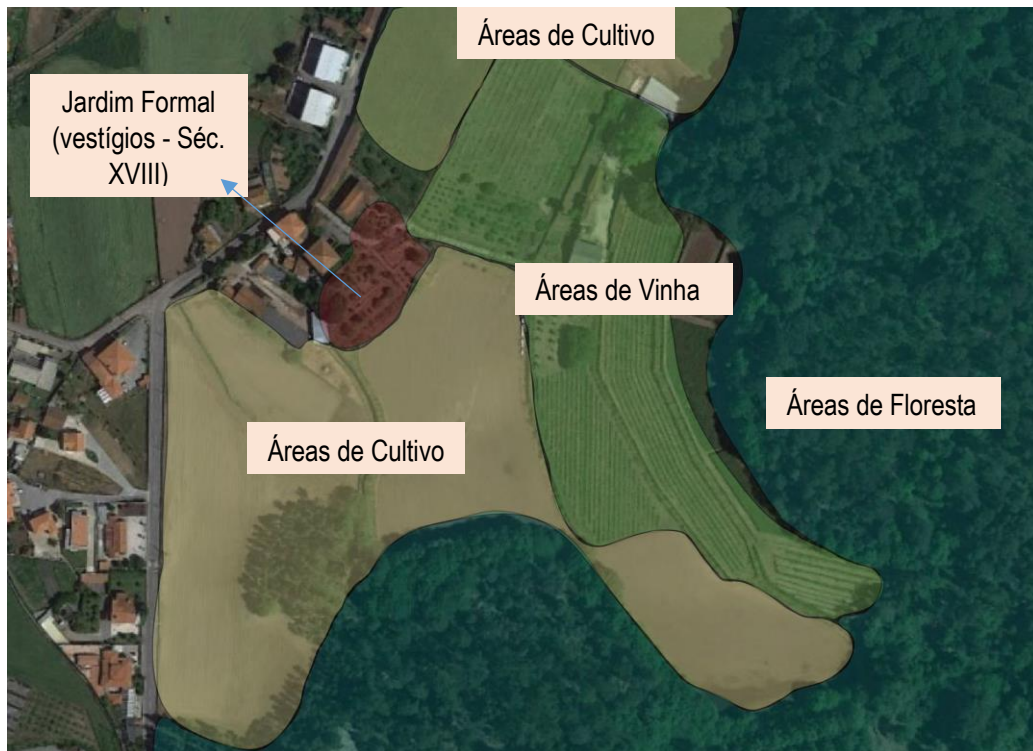


Fig. 3.9 – Exemplo de processo de identificação de formas a partir de imagem de satélite (Google Earth)

No que diz respeito à Casa do Vinhal, foi referida a sua existência nos inventários do IPA e DGPC (Fontes de Informação Bibliográfica Geral).

Assim, segundo a autora da ficha desta propriedade no IPA, Isabel Sereno (1994), a Casa do Vinhal e jardins são possivelmente do Séc. XVII / XVIII e do estilo Barroco possuindo um jardim muito elaborado, com árvores de grande porte, em socalcos (também referidos na ficha correspondente no DGPC) e com escadarias duplas. No séc. XIX / XX sofreu grandes obras de restauro e no séc. XX a quinta foi expropriada numa grande área (cerca de 10 000 m²) para passar a linha férrea: Minho - Póvoa. Ainda no IPA encontram-se fotos da entrada de 1993.

Através de uma pesquisa web chega-se a um postal ilustrado a cores (sem data) intitulado “Famalicão – Casa do Vinhal” onde se pode ver a fachada da Casa do Vinhal com



Fig. 3.10 – Postal ilustrado a cores: “Famalicão – Casa do Vinhal”; sem data; Edição da Tipografia Minerva – Famalicão; Formato: aprox. 9 cm X 14 cm Fonte: <http://www.delcampe.net/page/item/id,306098155,var,BRAGA--VILA-NOVA-DE-FAMALICAO--Casa-do-Vinhal-Ed-Tipografia-Minerva-carte-postale,language,E.html>

escadaria dupla, um jardim formal, com pelo menos 2 patamares, e um chafariz com uma forma em “estrela”.

A partir destas informações é possível, analisar traçados e formas que ajudem a identificar a localização da casa em imagem de satélite:



Fig. 3.11 e 3.12 – Comparação de Fotos SIPA de 1993 e Imagens Google Earth 2016

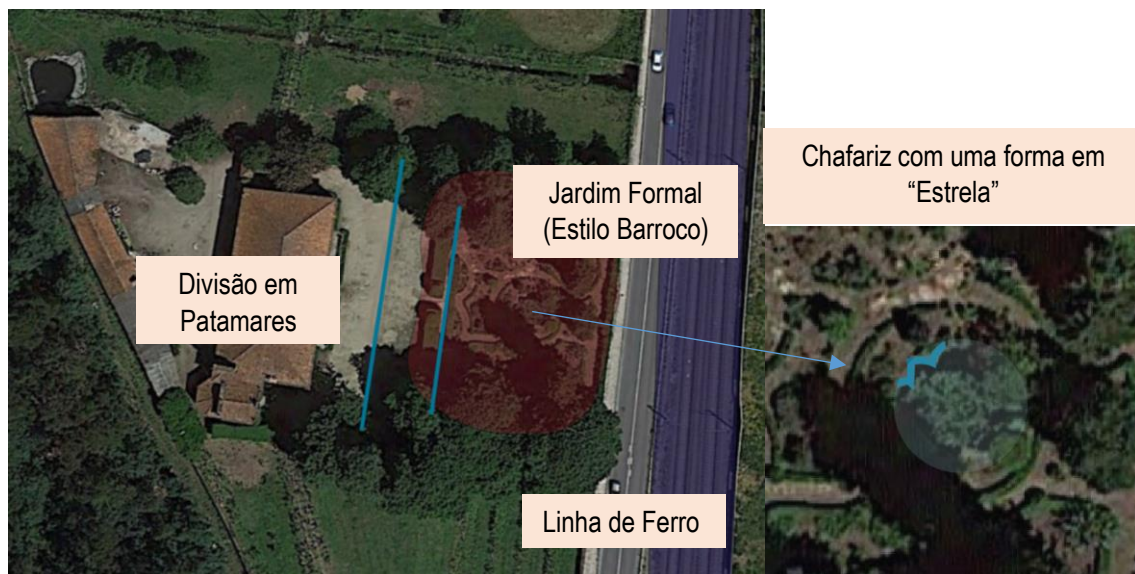


Fig. 3.13 – Exemplo de processo de identificação de formas a partir de imagem de satélite (Google Earth)

Esta análise conduziu a um aumento significativo do número de Sítios e Jardins identificados no concelho de Vila Nova de Famalicão.

Para a organização da informação recolhida recorreu-se à elaboração de fichas que se designaram de Fichas de Sítios e Jardins e onde se procedeu à reunião da informação recolhida nas fases de análise bibliográfica e cartográfica.

Nos quadros 3.4 e 3.5 apresenta-se, respetivamente, o modelo da Ficha e um exemplo de preenchimento para o caso de um Jardim. No anexo 5 apresentam-se as Fichas de todos os Sítios e Jardins Identificados (88) no concelho de Vila Nova de Famalicão.

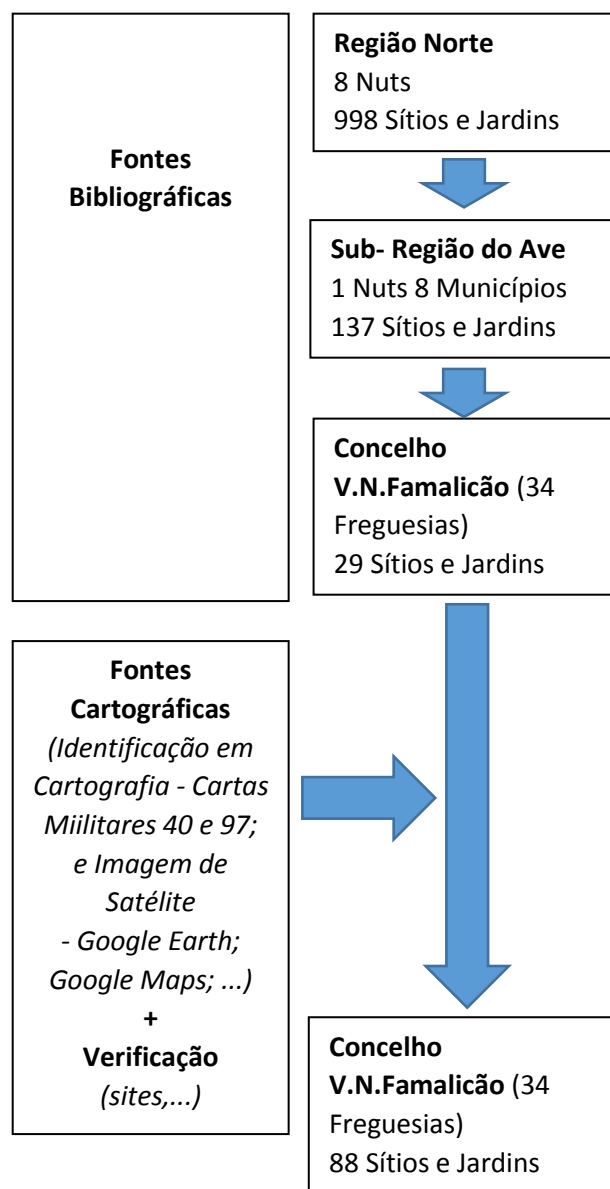



Fig.3.14 – Esquema do desenvolvimento do trabalho na fase de consulta de Fontes de Informação

Nome: Designação / outras designações	
Fontes de Informação:	
Bibliográfica – Geral: (Sigla)	Bibliográfica – Específica: (Sigla)
Identificação nas Cartas Militares: (Sim	Google Earth: (Sim/Não + Vista aérea (+

("Designação")/Não)	outras) obtida via Google Earth/Maps)
Classificação (Proteção legal):	(Sim / Não - Classificação própria (Sigla)/ Associada a IIP, MN, ... (Sigla) / Proteção (ZP, ZEP,... + Planta)
Área:	(Caso seja conhecida)
Localização:	
Freguesia: (Designação)	
Morada: Parcial ou Completa (Desejável)	Coordenadas GPS: (Entrada principal)
Regime de Propriedade:	
Público: (Colocar "X")	Proprietário: (Pessoa Singular/ Instituição; Nome)
Privado: (Colocar "X")	
Contactos:	(Telefone, Telemóvel, Email, Fax, Website, ...)
Observações:	(História, Século, Autor, uso inicial/actual, características)

Quadro 3.4 – Modelo de Fichas de Sítios e Jardins

Nome: Casa do Cruzeiro	
Fontes de Informação:	
Bibliográfica – Gerais: Sem referência	Bibliográfica – Específica: W: ACT
Identificação nas Cartas Militares: Carta Militar anos 40: "Quinta do Cruzeiro" Carta Militar ano 1997: "Quinta do Cruzeiro"	Google Earth: 
Classificação:	Não
Área:	8ha de vinha
Localização:	
Freguesia: União de Freguesias de Lemenhe, Mouquim e Jesufrei	
Morada: Rua do Cruzeiro da Independência, União de Freguesias de Lemenhe, Mouquim e Jesufrei, Vila Nova de Famalicão	Coordenadas GPS: 41°25'49.03"N 8°31'43.95"W

Regime de Propriedade:	
Público:	Proprietário: Gonçalo Sousa Lopes
Privado: x	
Contactos:	Telm.: +351 934 030 209
Observações:	Quinta vitivinícola Uso atual: Enoturismo; Produção Vitivinícola

Quadro 3.5 – Exemplo de preenchimento de Ficha de Sítios e Jardins – Casa do Cruzeiro, União de Freguesias de Lemenhe, Mouquim e Jesufrei

3.5. Identificação de Sítios e Jardins com valor para integração num guia do concelho de Vila Nova de Famalicão

Devido à premissa de visitação pública necessária para a seleção dos locais a incluir num futuro Guia de Sítios e Jardins revelou-se necessário avaliar o conjunto dos espaços identificados na etapa anterior com o aprofundamento do seu conhecimento através da consulta de bibliografia específica e da visita aos locais.

O processo de obtenção de informação sobre Sítios e Jardins de valor histórico é lento e dificultado pelo interesse limitado que o património paisagístico tem suscitado na sociedade em geral. A reduzida longevidade da parte viva do Sítio ou Jardim, comparativamente com a do património edificado, tende a aumentar este fenómeno. O seu cariz efémero, a reduzida, inexistente ou inacessível documentação histórica, bem como os poucos estudos acerca destes espaços proporcionam que a maioria deles se encontre abandonada, degradada ou com alterações no traçado (UTAD, 2015). Assim, o trabalho de campo, ou seja a observação direta, deve ser feita por profissionais qualificados (Estadão, L., 2010) constituindo as visitas aos locais uma ferramenta importante na obtenção de informação (UTAD, 2015).

A visita aos locais permite uma observação *in loco*, para registo e confirmação de traçados, estrutura, elementos decorativos e vegetação, bem como para avaliação do estado de conservação e manutenção. Permite ainda o contacto com os proprietários e assim, a recolha de novas informações de carácter histórico.

A visita deve ser previamente preparada e, no seu decorrer, ser feito o preenchimento de uma “Ficha de Campo”. Assim, para a sua elaboração foi consultada novamente a metodologia para o Projeto de Investigação Científica da Associação de Amigos do Jardim Botânico da Ajuda, publicado em 2002, a

metodologia desenvolvida para o estudo realizado na UTAD “Arte Paisagista no Norte de Portugal – Inventário de Sítios de Interesse” e ainda a metodologia utilizada no “The Inventory of Gardens and Designed Landscapes in Scotland - A Guide for owners, occupiers and managers” que versa sobre o processo de inventariação e apresentação, para usufruto público, dos jardins e paisagens da Escócia elaborado pela Historic Scotland. Entre outros contributos, foi também importante a Ficha de Inventário do Património Paisagístico elaborada pela arquiteta paisagista Rita Bastos, na sua tese de mestrado “ Da inventariação à salvaguarda do património paisagístico” apresentada na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto em 2015.

Deste modo, considera-se ser muito importante ter em conta informações recolhidas no local com o objetivo de:

- Confirmar os dados da Ficha de Sítios e Jardins apresentada no ponto anterior - confirmação da localização efetiva e acessos, etc.;
- Avaliar a qualidade estética e funcional;
- Avaliar o estado de conservação e manutenção;
- Recolher informação histórica junto dos proprietários;
- Realizar um registo fotográfico.

Seguidamente apresenta-se a “Ficha de Campo” elaborada no âmbito desta investigação.

Nome: Designação / Outras designações	
Classificação:	(Sim / Não - Classificação própria (Sigla)/ Associada a IIP, MN, ... (Sigla) / Proteção (ZP, ZEP,... + Planta)
Área:	(Aprox.)
Localização:	
Freguesia: (Designação)	
Acessos: (Acessos Principais/Acessos Secundários/Ruas)	
Morada: (Completa)	Coordenadas GPS: (Entrada principal)
Confirmação de Dados (Preencher)	
Época/ano de Construção:	Autor:
Uso Inicial:	Uso Atual:
Regime de Propriedade: (Colocar “X”)	
Público:	Proprietário: (Pessoa Singular/ Instituição; Nome)
Público de acesso condicionado:	
Horário:	
Privado (uso familiar):	
Privado de acesso condicionado:	(Telefone, Telemóvel, Email, Fax, Website, ...)
Horário: (Preencher)	
Contactos:	

Serviços e Informações úteis	
Estacionamento formal: (Colocar “X”)	Próprio: Na proximidade:
Serviços (Restauração, alojamento, ...):	Serviços internos de Apoio à visitação:
Próprios: (Colocar “X”) Quais: (Preencher) Na proximidade: (Colocar “X”) Quais: (Preencher)	Visitas Guiadas: (Colocar “X”) Organização de atividades: (Colocar “X”) Quais: (Preencher) Outros: (Colocar “X” / Especificar)
Circulação interna:	(Preencher. Ex.: Pedonal, acessível a deficientes,...)
Envolvente:	(Urbana, Rural, Elementos singulares na paisagem, Integração na paisagem,...)
Fichas de Inventariação (formulário de registo de elementos artísticos).	
Traçado (Preencher)	Estrutura Verde
Linear: Biomórfico: Angular: Outro: (Preencher)	Tipologias existentes: (Arboreto, Clareira, Orla,...) Exemplares notáveis: (Árvores, arbustos, conjuntos,... – Nome comum e científico)
Manutenção: (Adequada, Suficiente, Insuficiente)	Manutenção: (Adequada, Suficiente, Insuficiente)
Estado de Manutenção (Geral)	Bom (Bem mantido (função e estética) Razoável (Manutenção suficiente - não há perda da função) Mau (Pouca manutenção - compromete a função e a estética do elemento) Perigo (Sem manutenção)
Elementos Construídos (caminhos, edificado,...)	Elementos decorativos, mobiliário,...
Designação: (Preencher) Materiais: (Preencher) Época/Ano de construção: (Preencher) Estado de Conservação: (Bom, Razoável, Mau, Perigo)	Designação: (Preencher) Materiais: (Preencher) Época/Ano de construção: (Preencher) Estado de Conservação: (Bom, Razoável, Mau, Perigo)
Estado de Conservação (Geral)	(Bom - Bem Conservado (boa aparência estética e estrutural), Razoável (apres. Peq. probl. - Conservado (pequenas falhas de conservação; não apresentam

	problemas graves) Mau (Degradado (em perigo; apres. Vários problemas graves) Perigo (intervenção urgente – perigo de perda de património; avançado grau de degradação)
Informação Histórica	(Preencher)
Notas da Visita	(Preencher)
Registo fotográfico	(Efetuado ou não efetuado)
Dados recolhidos em: Data	

Quadro 3.6 – Modelo de Ficha de Campo

Para testar a aplicação desta Ficha de Campo selecionaram-se duas freguesias do concelho de Vila Nova de Famalicão: Riba de Ave, pela sua importância histórica nomeadamente pela associação com Sítios e Jardins construídos por industriais; e a união de freguesias de Vila Nova de Famalicão e Calendário, pela sua centralidade no concelho e importância administrativa.

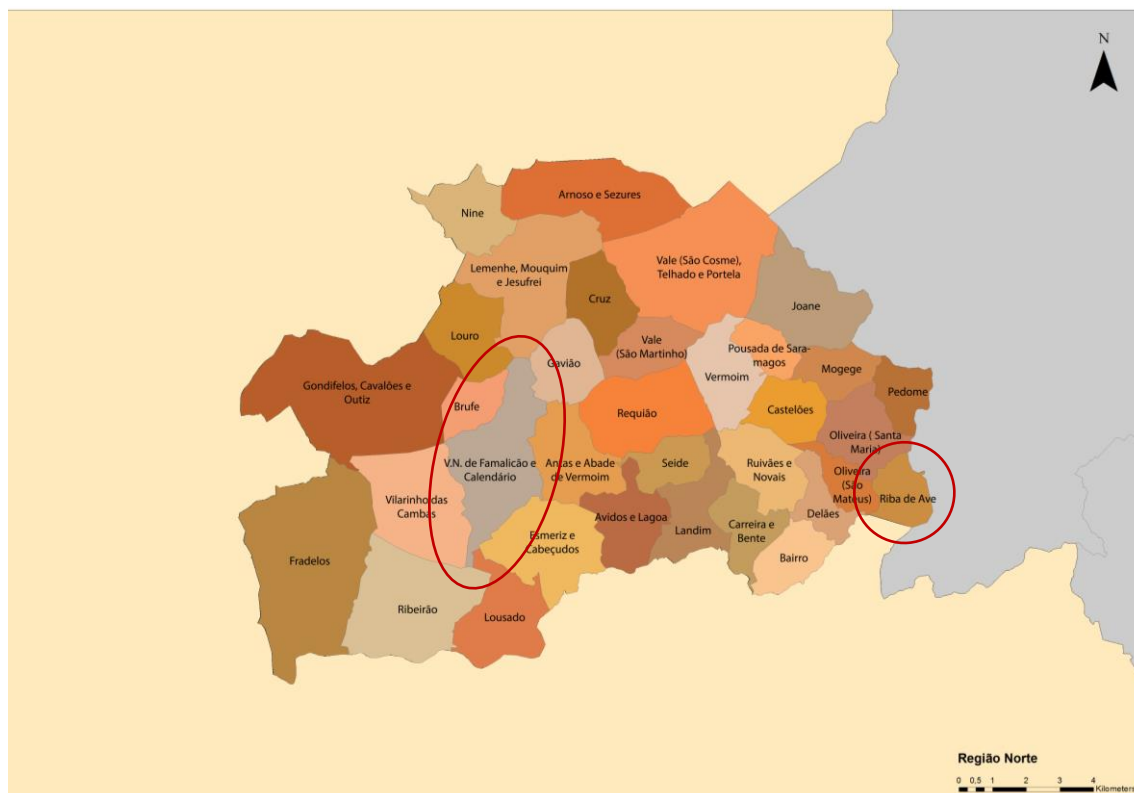


Fig.3.15 – Indicação das freguesias em estudo no Mapa de Freguesias de Vila Nova de Famalicão (Sub-Região do Ave, Região Norte)

Para Riba de Ave haviam sido identificados um total de 10 Sítios e Jardins. Na fase de identificação por imagem de satélite (Google Earth) verificou-se que um jardim foi destruído (Parque de Manuel Ferreira) e outro não foi localizado (Quinta de Riba d'Ave)⁷.



Fig. 3.16 – Mapa de localização de Sítios e Jardins – Riba de Ave; Fonte:Google Earth

No que diz respeito à União de Freguesias de Vila Nova de Famalicão e Calendário, haviam sido identificados um total de 19 Sítios e Jardins. Na fase de identificação por imagem de satélite (Google Earth) verificou-se que 2 jardins foram destruídos (Jardim do Bairro Operário para a fábrica “A Boa Reguladora” e Jardim de Manuel Ferreira Barbosa).

A visita aos Sítios e Jardins, nestas freguesias naturalmente só incidiu sobre os jardins ainda existentes e localizados geograficamente.

⁷ Considera-se “destruído” um Sítio ou Jardim do qual se sabe a localização geográfica e ou morada, através das Fontes de Informação Bibliográfica ou Cartográfica mas que analisando o local através da imagem de satélite se verifica a sua destruição. Quando se indica que um Sítio ou Jardim não foi localizado, este foi referido nas Fontes de Informação Bibliográfica mas sem indicação de localização geográfica/morada e também não apareceu nas Fontes de Informação Cartográfica, não sendo a sua informação acerca das suas características suficiente para o localizar apenas por imagem de satélite.



Fig. 3.17 – Mapa de localização de Sítios e Jardins – União de Freguesias de V.N.Famalicão e Calendário; Fonte: Google Earth

Um dos fatores que mais condiciona a visita aos Sítios e Jardins é o regime de propriedade e acesso (anexo 6). Quando a propriedade é privada, em princípio, põe mais entraves à visitação do que uma propriedade pública que, em geral, não impõe limitações significativas de circulação ou visitação.



Fig. 3.18. – Esquema de Facilidade de Visitação

O gráfico seguinte (fig. 3.19), faz uso dos dados obtidos através das Fontes de Informação Bibliográfica e Cartográfica em relação à propriedade dos Sítios e Jardins, concluindo-se que a maioria são locais privados.

Numa análise mais profunda, identificou-se diversas tipologias no que respeita ao regime de propriedade e acesso, fatores decisivos para o trabalho

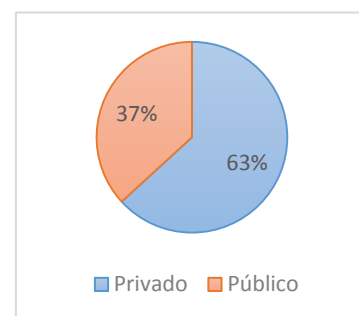


Fig. 3.19 – Gráfico de propriedade dos Sítios e Jardins

de campo assim como para o planeamento do guia de Sítios e Jardins a visitar pelo público: *Público* – Sítio ou Jardim Público de acesso livre (ex.: praças e avenidas ajardinadas, parques e jardins públicos); *Público de acesso condicionado*: Sítios e Jardins detidos por organismos públicos mas de acesso condicionado, mediante autorização, com ou sem pagamento ou marcação prévia (ex.: cercas conventuais, jardins de instituições públicas); *Privado de acesso condicionado*: Sítios e Jardins privados mas de acesso livre ou condicionado (ex.: Quintas de Turismo de habitação, de organização de eventos, de produção vitivinícola, etc.); e *Privado*: Sítios e Jardins privados de uso familiar particular, de acesso condicionado.

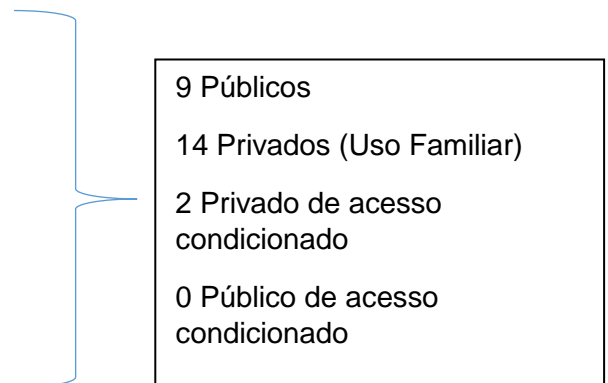
Desde modo, a amostra total que seguiu para a fase de visita foi a seguinte:

Riba de Ave (8)

- 1 Público
- 6 Privados
- 1 Privado de acesso condicionado

Vila Nova de Famalicão/Calendário (17)

- 8 Públicos
- 8 Privados
- 1 Privado de acesso condicionado



Total: 25

Com o intuito de visitar os Sítios e Jardins com o regime de acesso privado, procurou-se, fazendo uso da Internet, o registo do imóvel através da designação da propriedade e pela morada, bem como a referência aos proprietários nas Fontes de Informação Bibliográfica. No entanto, outra opção é pedir a colaboração dos organismos administrativos como as autarquias locais, para conseguir aceder aos nomes e contactos dos proprietários e contactá-los previamente solicitando uma visita ao Sítio ou Jardim expondo os motivos dessa visita.

A partir daqui, elaborou-se um plano de visita onde se definiu a ordem dos locais a visitar por proximidade e tentando visitar primeiro os de acesso público, deixando os de acesso privado e privado de acesso condicionado para a parte da tarde com o intuito de aumentar a possibilidade de os proprietários se encontrarem em casa.

Deste modo, pretendeu-se otimizar o tempo disponível e ter sempre pontos de referência durante o trabalho de campo caso falha-se o sistema GPS.

Após a realização da visita de campo aos 25 locais selecionados e a aplicação da “Ficha de Campo”, verificou-se a necessidade de efetuar retificações à ficha de modo a se colmatarem falhas sentidas durante o trabalho de campo. Sugere-se, assim, a inclusão de um campo indicativo da hora da visita e de um campo para registo dos “Elementos Construídos” e “Elementos Decorativos e Mobiliário”.

Procedeu-se à organização das Fichas de Campo já corrigidas, para os 25 jardins, em formato digital (Anexo 7).

Seguidamente apresentam-se algumas conclusões acerca da utilidade das visitas de campo.

As visitas de campo permitiram a confirmação de vários aspetos como moradas e número de porta e a identificação da designação real dos locais. Por exemplo a quinta que partiu para a fase de visita como “Quinta – N310” é na realidade a “Quinta da Casa Nova” e a sua entrada principal não é a inicialmente identificada.

Tendo em conta que os Sítios e Jardins identificados devem ter importância e valor na atualidade e servir o objetivo da visita por vários tipos de público, as visitas foram úteis na verificação de elementos essenciais à visita como acessos, estacionamento, serviços próprios e nas proximidades, estado de conservação e manutenção e ainda na verificação do regime de propriedade e acesso.

As visitas permitem também aferir os limites das propriedades e até identificar outras entradas (dados que poderão ser confirmados através de nova consulta de imagens de satélite)(ex. Quinta da Rua da Estação: Casa do Giestal, Quinta – N310: Quinta da Casa Nova (Riba de Ave) e Quinta na Rua Nuno Simões: entrada para a residência e número da porta).



Fig. 3.20 – Sítios e Jardins (Retificação de Designações e Nova entrada) – União de Freguesias de Vila Nova Famalicão e Calendário; Fonte: Daniela Santos, Google Earth





Fig. 3.21 – Sítios e Jardins (Retificação de Designações) – Freguesia de Riba de Ave; Fonte: Google Earth

No que diz respeito aos Sítios e Jardins públicos, foi interessante ter ideia da utilização/visitação atual, em número de utilizadores e seu escalão etário, sendo, no entanto, meramente indicativa pois baseia-se apenas numa observação, numa hora e dia específico. Por exemplo no Parque da Juventude observou-se uma grande afluência de pessoas jovens e no Jardim Dona Maria II, uma grande afluência de pessoas idosas. De qualquer forma, serviu o objetivo de inferir o tipo de público alvo

para aqueles Sítios e Jardins específicos. Este facto estará relacionado essencialmente com o tipo de equipamentos disponíveis nos Sítios e Jardins e a sua envolvente. Ou seja, no Parque da Juventude verificou-se um grande número de equipamentos desportivos e a sua proximidade a escolas e urbanizações proporciona o seu fácil acesso por população mais apta a utilizá-los, ou seja, os jovens. No caso do Jardim Dona Maria II o espaço encontra-se no coração de Vila Nova de Famalicão rodeado por serviços de restauração, comércio entre outros. É também um local mais calmo com grandes bancos e sombra que convidam a sentar e desfrutar calmamente do local. Estes aspetos facilitam o seu acesso e usufruto por uma população mais envelhecida que procure o espaço para o descanso e convívio.

Quanto ao tempo despendido e às limitações sentidas, confirmou-se que a visita ao local não é fácil, particularmente no caso dos Sítios e Jardins privados quando o contacto prévio com o proprietário não foi realizado não havendo, por isso, permissão para fazer a visita de campo, identificando-se como o ponto mais limitante a disponibilidade dos privados em abrirem as portas dos seus jardins.

Na visita aos locais, por vezes por “acidente”, são descobertas quintas que poderiam ser alvo de estudo e que passaram despercebidas nas fases anteriores como a Quinta da Palmeira, junto à Casa de Santa Maria, na união de freguesias de Vila Nova de Famalicão e Calendário, que apresenta um traçado e um conjunto de camélias aparentemente com potencial paisagístico e/ou botânico.

Nome: Quinta da Palmeira	
	
Localização:	
Freguesia: União de Freguesias de Vila Nova de Famalicão e Calendário	
Acessos: Rua Francisco Oliveira e Silva, Caminho de Ferro (Estação de Famalicão)	
Morada: Rua Francisco Oliveira e Silva, Vila Nova de Famalicão	Coordenadas GPS: 41°24'20.58"N 8°31'51.81"W

Quadro 3.7 – Quinta da Palmeira – Novo Sítio ou Jardim adicionado após a visita de campo

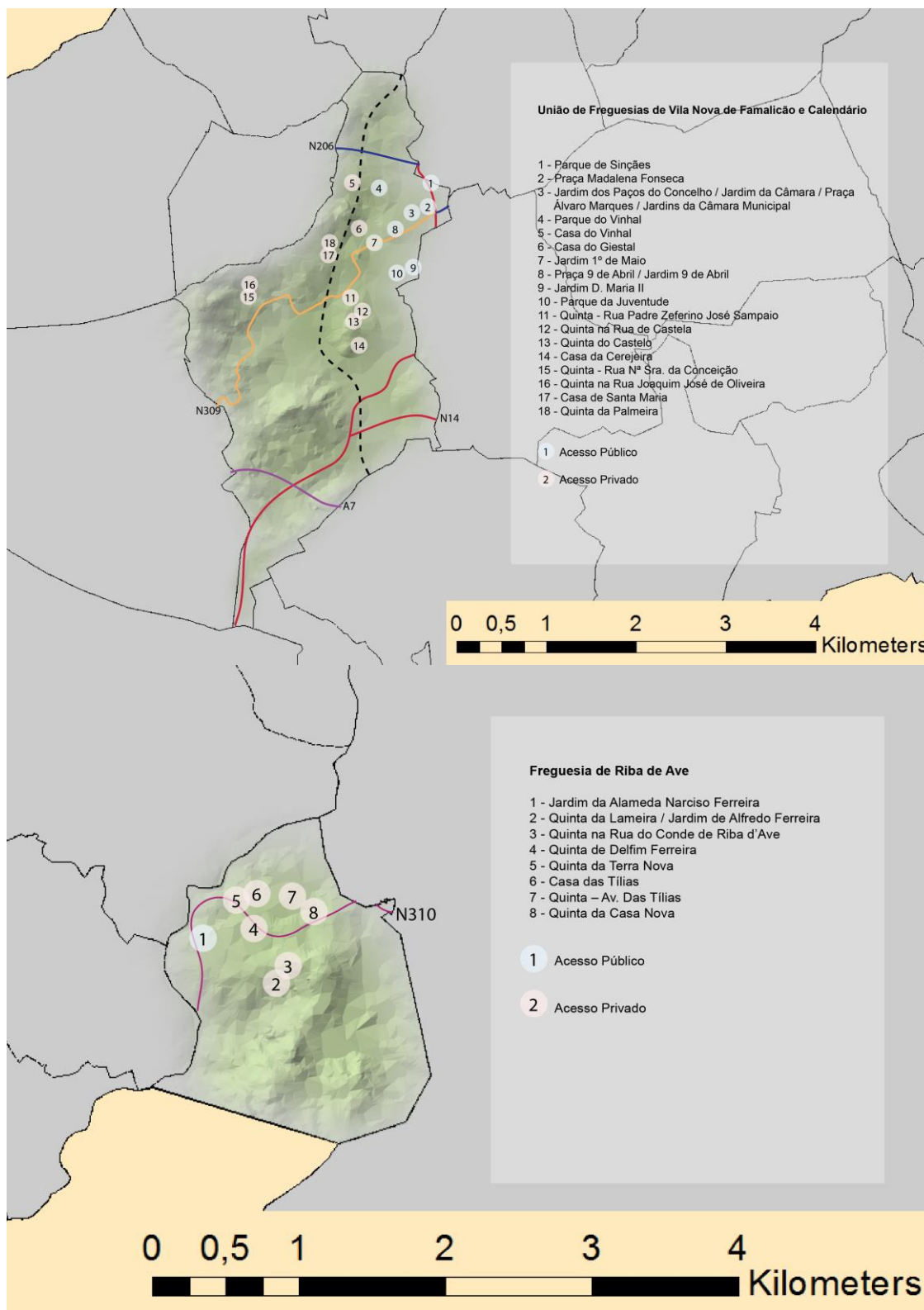


Fig. 3.22 e 3.23 – Sítios e Jardins – União de Freguesias Vila Nova de Famalicão e Calendário e Freguesia de Riba de Ave

Desde modo, efetuaram-se alterações, nomeadamente a reorganização da apresentação dos conteúdos da Ficha de Sítios e Jardins, para que a sua consulta seja mais expedita. Esta, juntamente com o registo fotográfico, servirá de base para a fase de seleção de Sítios e Jardins com potencial valor histórico – cultural e turístico

que possam integrar um guia. Assim, para os Sítios e Jardins privados e privados de acesso condicionado de Riba de Ave, para os quais não se conseguiu efetuar a visita ao interior da propriedade, recorreu-se ao registo fotográfico e às descrições do seu estado de conservação obtido em estudos recentes (“Serralves e o Vale do Ave: Contributos para um Roteiro de Paisagem” tese de mestrado da arquiteta paisagista Inês Pinto, 2014).

De qualquer forma é obrigatório estabelecer o contacto com os proprietários dos jardins (que manifestem vontade de abrir o seu Sítio ou Jardim à visitação pública) para ser possível efetuar uma visita de trabalho de campo, devendo este ser um trabalho conjunto com a autarquia ou outro organismo. Uma análise unicamente através de levantamentos fotográficos preexistentes está sujeita um grande grau de incerteza, até porque a realidade do local pode ter mudado deste a data em que esse levantamento foi feito.

Nome: Designação (Designação anterior) / outras designações	
Fontes de Informação:	
Bibliográfica – Gerais: (Sigla)	Bibliográfica – Específica: (Sigla)
Identificação nas Cartas Militares: (Sim (“Designação”)/Não)	Google Earth: (Sim/Não + Vista Cima (+ outras) obtida via Google Earth/Maps)
Outras Fontes de Informação Iconográfica	(Mapas, postais,...)
Classificação:	(Sim / Não - Classificação própria (Sigla)/ Associada a IIP, MN, ... (Sigla) / Proteção (ZP, ZEP,... + Planta)
Área:	(Caso seja conhecida)
Localização:	
Freguesia: (Designação)	
Acessos: (Acessos principais / secundários / ruas)	
Morada: Parcial ou Completa (Desejável)	Coordenadas GPS: (Entrada principal)
Regime de Propriedade:	
Público; Público de Acesso Condicionado; Privado (Uso Familiar); Privado Acesso Público/Condicionado	Proprietário: (Pessoa Singular/ Instituição; Nome)
Contactos:	(Telefone, Telemóvel, Email, Fax, Website,...)
Serviços e Informações úteis	
Estacionamento:	Próprio; na proximidade; Nenhum.
Serviços (Restauração, alojamento,...)	Próprios; Na proximidade (Quais?)
Serviços e equipamentos internos de apoio à visitação	Visitas Guiadas; Organização de atividades; Parque infantil; Centros recreativos,...
Circulação Interna	Pedonal, acessível a deficientes,...
Envolvente	Urbana, periurbana, Rural, Elementos singulares na paisagem, Integração na

	paisagem,...
Características e informação base:	
Época/ano de Construção: (Preencher)	Autor: (Preencher)
Uso Inicial: (Preencher)	Uso Atual: (Preencher)
Informação Histórica:	(Preencher)
Traçado:	(Linear, Biomórfico, Angular, outro)
Estrutura Verde:	(Tipologias existentes, exemplares notáveis)
Estado de Manutenção (Geral):	Bom (Bem mantido (função e estética) Razoável (Manutenção suficiente - não há perda da função) Mau (Manutenção Insuficiente - compromete a função e a estética do elemento) Perigo (Sem manutenção)
Elementos Construídos:	(Caminhos e Edificado - Designação; Material; Estado de conservação)
Estado de Conservação (Geral):	(Bom - Bem Conservado (boa aparência estética e estrutural), Razoável (apres. Peq. probl. - Conservado (pequenas falhas de conservação; não apresentam problemas graves) Mau (Degradado (em perigo; apres. Vários problemas graves) Perigo (intervenção urgente – perigo de perda de património; avançado grau de degradação)
Elementos Decorativos e mobiliário:	(Designação; Material; Estado de Conservação)
Estado de Conservação (Geral):	(Bom, Razoável, Mau ou Perigo)
Apreciação Geral	(Bom, Razoável, Mau ou Perigo)
Registo Fotográfico:	(Sim/Não; Data.)
Observações:	

Elementos Retirados da Ficha de
Sítios e Jardins (Fase de
Organização de Informação)

Adaptação
da Ficha de Campo

Quadro 3.8 – Alterações à “Ficha de Sítios e Jardins” (anexo 8)

3.6. Avaliação do potencial de visitação e seleção de Sítios e Jardins

Para a avaliação do potencial de visitação foram definidos critérios com base em bibliografia e estudos, já anteriormente referidos, sobre metodologias de levantamento de jardins históricos e fichas de inventário do património paisagístico.

Os critérios de avaliação definidos são: i) Contexto Cultural e Social; ii) Aspetos Funcionais e de Apoio à Visitação; iii) Fatores de Conservação; iv) Valor Paisagístico e v) Experiência Sensorial no local.

CrITÉRIOS de Avaliação	Classificação (0 a 3)	Valor do CritÉrio % (Total e por parâmetro)
Contexto Cultural e Social		30
Propriedade e Acessibilidade	0 - Privado (uso familiar) 1 – Privado de acesso condicionado 2 – Público de acesso condicionado 3 - Público	7,5
Classificação legal – Património Cultural	0 – Sem classificação 1 – Classificado/em vias de classificação: Monumento de Interesse Municipal 2 – Classificado/em vias de classificação: Monumento de Interesse Público 3 – Classificado/em vias de classificação: Monumento Nacional	2,5
Importância/Influência histórica	0 – Não tem Figuras/momentos históricos associados 1 – Figuras / momentos históricos associados de importância Local 2 - Figuras / momentos históricos associados de importância Regional 3 - Figuras / momentos históricos associados de importância Nacional	7,5
Valor artístico potencial ou atual	0 – Baixo 1 – Médio 2 – Elevado 3 – Muito elevado	12,5
Aspetos Funcionais e apoio à visitação		25
Estacionamento	0 – Sem estacionamento nas proximidades (quarteirão) 1 – Estacionamento nas proximidades (pago) 2 – Estacionamento livre nas proximidades ou estacionamento próprio (pago) 3 - Estacionamento próprio (sem pagamento)	2,5
Circulação interna (Pedonal)	0 – Sem acesso a deficientes motores (acesso unicamente por escadas, declives acentuados,...) 1 – Acesso parcial a pessoas com mobilidade	2,5

	reduzida (apenas no caminho principal) 2 – Acesso parcial a pessoas com mobilidade reduzida (caminho principal e alguns acessos secundários) 3 - Acesso total a pessoas com mobilidade reduzida	
Serviços de apoio à Visitação (sinalização, centros de interpretação, visitas guiadas,...)	0 – Sem serviços 1 – Serviços disponibilizados mediante marcação e/ou pagamento 2 – Pouca oferta de serviços disponibilizados 3 – Grande leque de serviços	7,5
Serviços de Acolhimento (Restauração, WC's, Quiósques,...)	0 – Sem serviços nas proximidades ou próprios 1 – Serviços nas proximidades 2 – Serviços próprios 3 – Serviços próprios e nas proximidades.	7,5
Fatores de Conservação		25
Grau de Modificação (Grau de Integridade – manutenção do caráter)	0 – Avançado grau de destruição ou modificação 1 – Grau médio de Modificação 2 – Pouco modificado 3 – Integro	12,5
Estado de Manutenção	0 – Sem manutenção 1 – Baixo 2 – Suficiente 3 – Elevado	12,5
Valor Paisagístico		10
Paisagem envolvente- impacto no Jardim (perspetiva de dentro para fora)	0 – Negativo 1 – Médiamente Positivo 2 – Positivo 3 – Muito Positivo	5
Paisagem envolvente – impacto no acesso (perspetiva de fora para dentro)	0 – Negativo 1 – Médiamente Positivo 2 – Positivo 3 – Muito Positivo	5
Experiência Sensorial no local		10
Qualidade da Experiência (Bem-estar, descanso e contemplação)	0 – Desagradável 1 – Médiamente Agradável 2 – Agradável 3 – Excecional	10
Total		100

Quadro 3.9 – Critérios para a Avaliação do Potencial de Visitação

Tendo em conta o objetivo de visita  o, aos critérios de avalia  o considerados com maior impacto positivo ao nível da visita  o foi atribuído um maior peso ou valor e aos que tem menor impacto, menor valor. Por exemplo, dentro do critério Contexto Cultural e Social (30%) foi dada mais pontua  o ao parâmetro Valor artístico potencial ou atual (12,5%), no critério Aspetos Funcionais e Apoio   Visita  o deu-se maior peso aos Serviços de Apoio   Visita  o e Serviços de Acolhimento (7,5%). Os Fatores de Conserva  o (25%) têm um valor também significativo (25%) com peso igualmente distribuído entre o Grau de Modifica  o (12,5%) e Estado de Manuten  o (12,5%).

Importa referir que o Valor Paisagístico   importante por versar sobre a rela  o e conexão entre a paisagem onde se localiza o Sítio ou Jardim, ou seja, estes podem não ter grande potencial de visita  o se analisados isoladamente mas sim no seu conjunto ou pela rela  o que estabelecem com o exterior. O parâmetro “Paisagem envolvente - impacto no Jardim”   uma perspetiva relativa   sensa  o e perce  o que o visitante tem de dentro do Jardim para o exterior. Pretende responder às questões: “Será que a paisagem exterior influencia a decisão de visitar ou não o sítio ou jardim em questão?!   desagradável a vista que tenho para o exterior?!” Já o parâmetro “Paisagem envolvente – impacto no acesso”   uma perspetiva de fora para dentro. Põe em causa se o Sítio ou Jardim por si são justifica a viagem, mesmo que a paisagem envolvente seja pouco apelativa ou até mesmo desagradável.

Por fim, a Qualidade da Experiência   tida também como essencial na avalia  o do potencial de visita  o do local obtendo um peso de 10% na decisão final. No entanto   preciso ter em conta que este parâmetro   particularmente sujeito a um grande grau de subjetividade pois   avaliado pelo técnico durante as visitas e/ou através de opiniões recolhidas acerca do local.

A sele  o dos Sócios e Jardins para integra  o num guia de apoio   visita  o passa pela aplica  o dos critérios identificados previamente (anexo 9). Este   um método de apoio   decisão que pretende diminuir o grau de subjetividade pois todos os Sócios e Jardins são avaliados segundo os mesmos critérios e parâmetros e através de uma escala predefinida. Assim,   atribuído para cada parâmetro, em cada Sítio ou Jardim, uma pontua  o de 0 a 3. Posteriormente aplica-se a percentagem equivalente ao peso/valor do critério correspondente, obtendo uma pontua  o ponderada. No final obt  m-se a indica  o do valor total atribuído a cada Sítio ou Jardim em bruto (apenas pela soma das pontua  es) e o valor total obtido através a pondera  o efetuada com

base no peso de cada critério que será o fator que decidirá os elementos selecionados.

Para testar este método de avaliação, apenas é possível considerar os Sítios e Jardins para os quais foi possível efetuar uma visita ou, na sua impossibilidade, uma boa observação a partir do exterior, ou seja, são considerados 9 Sítios e Jardins públicos: Jardim dos Paços do Concelho, Jardim 1º de Maio, Jardim Dona Maria II, Jardim da Alameda Narciso Ferreira, Praça Madalena Fonseca, Praça 9 de Abril Parque de Sinções, Parque da Juventude e Parque do Vinhal; e 2 privados: Quinta na Rua de Castela e Casa do Vinhal.

De seguida dão-se dois exemplo práticos de jardins que surpreenderam pela sua classificação. O primeiro é a Casa do Vinhal que aparece na 8ª posição apesar de estar classificada como Monumento de Interesse Público incluindo também os jardins, e do seu grande valor artístico potencial. O outro exemplo é a Praça 9 de Abril, que é de reduzida dimensão e com pouco valor artístico potencial ou atual mas que aparece em 4º lugar. Estes são um bom exemplo de como os critérios e o valor que lhes foi atribuído em detrimento de outros influência o resultado final. Se os objetivos para a seleção dos locais fossem outros, menos vocacionados para questões de possibilitação e potenciação da visitação tal e qual se encontram atualmente, sem qualquer intervenção, os resultados seriam bem diferentes. Assim, na Casa do Vinhal apesar da sua importância ao nível do património histórico, artístico e cultural carece de Aspetos Funcionais e de apoio à visitação bem como de um maior cuidado ao nível dos Fatores de Conservação avaliados, que são muito importantes quando o objetivo é a seleção de Sítios e Jardins para um guia turístico. No caso da Praça 9 de Abril, talvez pela sua centralidade e carácter público, beneficiou ao nível dos Aspetos Funcionais e de apoio à visitação e Fatores de Conservação em detrimento do seu valor artístico.

Casa do Vinhal			
	0 a 3	Valor do Critério %	Ponderada
Contexto Cultural e Social			
Propriedade e Acessibilidade	0	7,5	0
Classificação legal – Património Cultural	2	7,5	0,5
Importância/Influência histórica	1	7,5	0,25
Valor artístico potencial ou existente	3	12,5	1,25

<i>Sub-Total</i>	6	30	2
Aspetos Funcionais e de apoio à visitação			
Estacionamento	2	2,5	0,2
Circulação interna	1	2,5	0,1
Serviços de Apoio à Visitação	0	7,5	0
Serviços de Acolhimento	0	7,5	0
<i>Sub-Total</i>	3	25	0,3
Fatores de Conservação			
Estado de Conservação	2	12,5	1
Grau de Manutenção	1	12,5	0,5
<i>Sub-Total</i>	3	25	1,5
Valor Paisagístico			
Paisagem envolvente – impacto no jardim	1	5	0,5
Paisagem envolvente – impacto no acesso	1	5	0,5
<i>Sub-Total</i>	2	10	1
Experiência no local			
Qualidade da Experiência	1	10	1
<i>Sub-Total</i>	1	10	1
TOTAL	15	100	5,55

Valor Total
(Ponderado)

Quadro 3.10 – Quadro de Pontuações aplicado à Casa do Vinha

Valor Bruto
(Soma das pontuações)

Praça 9 de Abril	0 a 3	Valor do Critério %	Ponderada
Contexto Cultural e Social			
Propriedade e Acessibilidade	3	7,5	0,75
Classificação legal – Património Cultural	0	7,5	0
Importância/Influência histórica	3	7,5	0,75
Valor artístico potencial ou existente	0	12,5	0
<i>Sub-Total</i>	6	30	1,5
Aspetos Funcionais e de apoio à visitação			
Estacionamento	1	2,5	0,1
Circulação interna	2	2,5	0,2
Serviços de Apoio à Visitação	0	7,5	0
Serviços de Acolhimento	1	7,5	0,3
<i>Sub-Total</i>	4	25	0,6
Fatores de Conservação			
Estado de Conservação	3	12,5	1,5
Grau de Manutenção	3	12,5	1,5
<i>Sub-Total</i>	6	25	3
Valor Paisagístico			
Paisagem envolvente – impacto no jardim	1	5	0,5
Paisagem envolvente – impacto no acesso	1	5	0,5
<i>Sub-Total</i>	2	10	1

Experiência no local			
Qualidade da Experiência	2	10	7,1
Sub-Total	1	10	1
TOTAL	16	100	6,35

Quadro 3.11 – Quadro de Pontuações aplicado à Praça 9 de Abril

Valor Bruto
(Soma das pontuações)

Valor Total
(Ponderado)

Como se pode observar pelas listas seguintes, sem a ponderação os valores e consequentemente, as posições, não seriam as mesmas:

Lista (Valor Bruto)

1. Parque de Sinções e Jardim dos Paços do Concelho – 23 pontos
2. Parque da Juventude e Praça 9 de Abril – 22 pontos
3. Jardim 1º de Maio - 21 pontos
4. Jardim Dona Maria II – 18 pontos
5. Casa do Vinhal - 15 pontos
6. Parque do Vinhal – 14 pontos
7. Jardim da Alameda Narcio Ferreira – 13 pontos
8. Quinta na Rua de Castela - 12 pontos
9. Praça Madalena Fonseca – 9 pontos

Lista (Valor Total – Ponderado):

1. Jardim dos Paços do Concelho – 10,35 pontos
2. Parque de Sinções e Parque da Juventude – 8,95 pontos
3. Jardim 1º de Maio – 7,9 pontos
4. Praça 9 de Abril – 7,1 pontos
5. Jardim Dona Maria II – 6,45 pontos
6. Parque do Vinhal – 6,1 pontos
7. Quinta na Rua de Castela – 5,85 pontos
8. Casa do Vinhal – 5,55 pontos
9. Jardim da Alameda Narcio Ferreira – 4,15 pontos
10. Praça Madalena Fonseca – 2,3 pontos

Assim, os elementos a seleccionar para incluir num guia de Sítios e Jardins com o objetivo de visitação por diferentes públicos, seriam os que obtiveram maior pontuação

ponderada (Valor Total), consoante o número de Sítios e Jardins que se deseje incluir. Para uma amostra de 5, seriam selecionados o Jardim dos Paços do Concelho, o Parque de Sinções, o Parque da Juventude, o Jardim 1º de Maio e a Praça 9 de Abril.

Capítulo 4 - Conclusões e Recomendações

4.1. Metodologia de Identificação de Sítios e Jardins com potencial valor Histórico-Cultural e Turístico

Como resultado deste trabalho de investigação resulta uma metodologia de identificação de Sítios e Jardins com potencial valor Histórico – Cultural e Turístico que possam integrar um guia utilizável por vários tipos de público. A metodologia pode ser apresentada da seguinte forma:

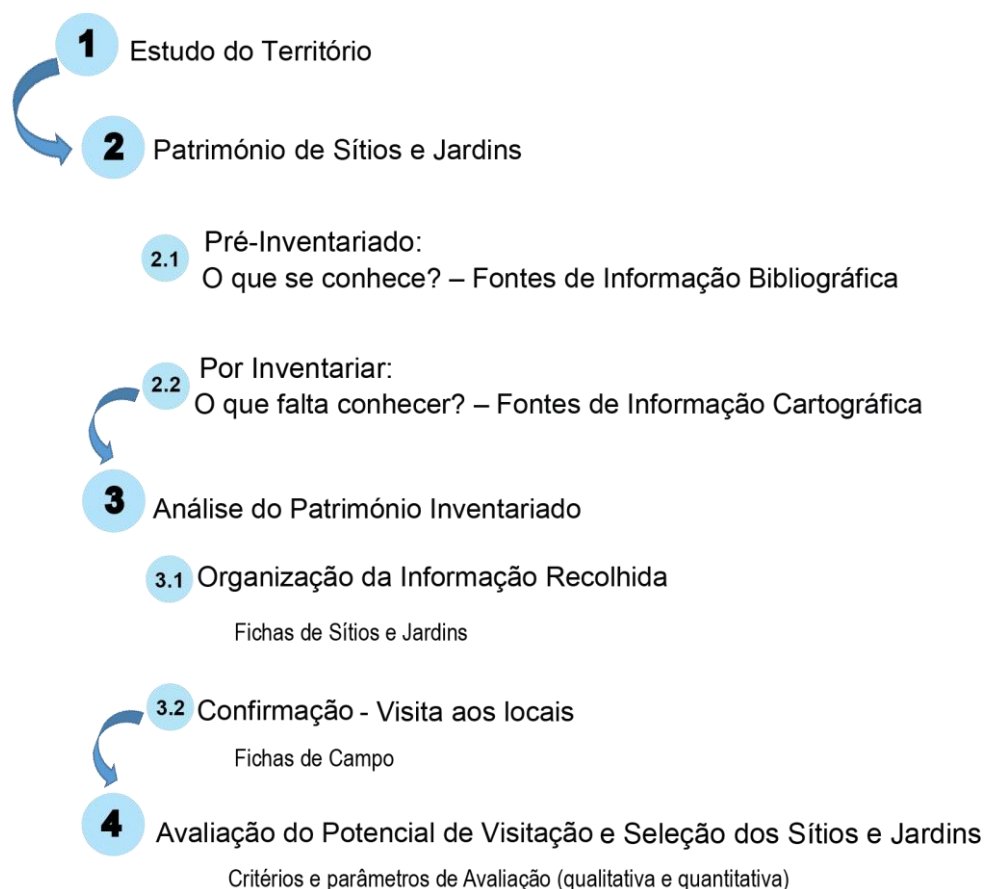


Fig. 4.1 – Metodologia de Identificação de Sítios e Jardins com potencial Histórico - Cultural e Turístico

1 Estudo do Território

Nesta fase sugere-se o estudo dos fatores bióticos e abióticos da área de estudo. É importante conhecer o território e o essencial da sua história antes de partir para a identificação dos levantamentos existentes. A razão prende-se com o facto de o património paisagístico, especialmente quando se trata da paisagem de amenidade, estar diretamente relacionado com questões económicas e de disponibilidade de recursos para a sua conceção.

2 Património de Sítios e Jardins

2.1 Pré-Inventariado: O que se conhece? – Fontes de Informação Bibliográfica

Nesta fase decorre a consulta das Fontes de Informação Bibliográfica onde se procura saber e reunir todas as informações acerca do património de Sítios e Jardins já inventariados. Para facilitar a recolha de informação pode-se recorrer a fichas de leitura e de conteúdo como as apresentadas neste trabalho.

Por fim, de modo a ter uma ideia geral da informação disponível e do número de referências bibliográficas para cada sítio e jardim encontrado nesta fase (o que pode indicar um local mais estudado), propõe-se a elaboração de uma Tabela de Nível de Conteúdo Bibliográfico, de acordo com o exemplo apresentado nesta tese.

2.2

Por Inventariar: O que falta conhecer? – Fontes de Informação Cartográfica

O uso das Fontes de Informação Cartográfica pode ser ignorada se o âmbito ou a escala do território a que se destina o estudo assim o ditar. Por exemplo, se a intenção for mostrar o Sítio ou Jardim mais importante da região, da sub-região ou do concelho, uma pesquisa minuciosa ao território pode não se justificar pois, em princípio, esse local é já bastante conhecido e divulgado. O mesmo se passa se o critério for mostrar Sítios ou Jardins classificados.

No caso deste trabalho, como um dos objetivos era estudar Sítios e Jardins ainda não estudados e desconhecidos do público em geral, foram valorizadas as Fontes de Informação Cartográfica e imagem de satélite, o que permitiu um estudo do território mais real, atual e objetivo. Em geral, fez-se uso essencialmente das Fontes de Informação Cartográfica, imagem de satélite e bibliografia devido ao pouco tempo

disponível para desenvolver a investigação. No entanto, devem ocorrer em simultâneo contactos com as populações locais e a colaboração com as autarquias ou associações e até mesmo uma análise mais presencial e mais completa do território.

3 Análise do Património Inventariado

3.1 Organização da Informação Recolhida

Após o trabalho de levantamento do património paisagístico, é necessário organizá-lo e padronizá-lo para tornar mais simples a sua análise e comparação. Para tal, sugere-se a utilização de “Fichas de Sítios e Jardins” similares às apresentadas neste estudo.

3.2 Confirmação – Visitas aos locais

A confirmação dos dados recolhidos e a verificação do estado de manutenção dos Sítios e Jardins levantados, é essencial quando se pretende que estes sejam alvo de visitação e se pretende inferir o seu valor atual, não servindo apenas para a produção de documentos com memórias históricas do que foram antigamente.

Desde modo, as visitas ao Sítios e Jardins, são uma etapa da metodologia que, para um trabalho com o objetivo de divulgação e visitação do património paisagístico, não pode ser ignorado, devido às suas valências de avaliação do seu estado atual e potencialidades da envolvente. Assim, sugere-se a utilização de “Fichas de Campo” como as apresentadas nesta tese.

4 Avaliação do Potencial de Visitação e Seleção do Sítios e Jardins

A Avaliação do Potencial de Visitação constitui um dos passos mais importantes e inovadores desta metodologia. Consiste na identificação do potencial de visitação de cada Sítio ou Jardim consoante um conjunto de critérios e parâmetros fixos para todos os Sítios e Jardins em análise.

A seleção surge da aplicação dos critérios definidos para a avaliação do potencial de visitação. Todos os Sítios e Jardins considerados elegíveis para esta fase são submetidos aos mesmos critérios, permitindo uma decisão assente em parâmetros padronizados e pouco subjetivos ou sujeita a outros interesses que não os relativos ao seu valor histórico – cultural e turístico. Resulta desta avaliação uma lista

final de Sítios e Jardins com maior potencial de visitação e, portanto, passíveis de integrar um guia de suporte à visitação pública.

A aplicação desta metodologia envolve um processo complexo e demorado mais adequado a um território de pequena dimensão – um ou mais concelhos, eventualmente uma sub-região (Nut III) – do que a uma região (Nut II). Contudo, e tendo em conta que se trata de um estudo exploratório, que pretende identificar jardins ainda pouco conhecidos dos percursos turísticos e revelar eventuais obras com particular interesse artístico, a metodologia desenvolvida poderá ser de facto aplicada com resultado positivo. Deve ser idealmente efetuado por uma equipa, contando com parcerias ao nível dos órgãos administrativos do território em análise. Contudo, tem como grande valência poder ser aplicado a diferentes escalas permitindo diferentes aproximações ao território e ao objeto em estudo.

4.2. Exemplo de Aplicação da Metodologia - Definição de um modelo-tipo de guia

Por fim, é pertinente mostrar em que contexto a metodologia descrita pode ser aplicada. Um dos propósitos de um trabalho de investigação deste âmbito é descobrir e dar a conhecer à população o património paisagístico, artístico e histórico encerrado atrás de muros, em propriedades privadas, em jardins públicos dispersos pelo território, em claustros de mosteiros esquecidos ou encerrados ao público, entre outras situações que mantêm o património de todos desconhecido ou inacessível mas também o acessível. A elaboração deste trabalho tem como propósito conhecer e divulgar esse património, tentando alertar para a importância da sua salvaguarda e usufruto público, tendo por objetivo abrir portas para o contacto com os proprietários privados para os consciencializar a conservar e manter o património existente nas suas propriedades e aliciá-los a o partilharem permitindo a visitação pública, mesmo que condicionada.

Deste modo, acreditando que assim se poderá aspirar a dar a conhecer estes espaços, até então desconhecidos ou esquecidos, dá-se indicações para a produção de um guia de Sítios e Jardins com o objetivo de visitação.

Após o estudo e visionamento de vários exemplos de guias e catálogos de jardins, como o “Parques e Jardins dos Açores” de Isabel Albergaria (2005) e exemplos internacionais como “*Guide Des 300 Plus Beaux Jardins de France*” de

Philippe Thébaud (1988) e “*A Guide to the Landscape Architecture of Boston*” de Jack Ahern, apresentam-se exemplos de informação a incluir e um modelo gráfico de apresentação de um guia-tipo de Sítios e Jardins tomando como base a lista dos 25 Sítios e Jardins identificados no ponto 3.5. embora desenvolvendo apenas um caso – Jardim dos Paços do Concelho de Vila Nova de Famalicão - anexo 10.

Referências bibliográficas

Livros, Revistas e Catálogos

Ahern, J. (1999). *A Guide to the Landscape Architecture of Boston*. United States of America: The Hubbard Educational Trust

Albergaria, I. (2005). *Parques e Jardins dos Açores*. Lisboa: Argumentum

Andresen, T. & Marques, T. (2001). *Jardins Históricos do Porto*. Lisboa: Edições Inapa

Araújo, I. (1962). *Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal*. (Vol. 1). Lisboa: Ministério das Obras Públicas, Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, Centro de Estudos de Urbanismo.

Araújo, I. (1979). Jardins, Parques e Quintas de Recreio no Aro do Porto . Comunicação ao Colóquio “O Porto na época Moderna”, Separata da “*Revista de História*”. (Vol. II), 5-17.

Araújo, P., Carvalho, M., & Ramos, M. (2004). *À sombra de Árvores com História*. Porto: Campo Aberto

Azevedo, C. & Azevedo A. (1994). *Metodologia Científica: Contributos práticos para a Elaboração de Trabalhos Científicos*. 2ª edição revista. Porto: C. Azevedo.

Braga, A., Guimarães, A., Silva, A., Girão, A., Maia, C., Salgado, D....Pascoais, T. (1986). *Guia de Portugal: Entre Douro e Minho: II: Minho*. (1ª ed.). (Vol. IV. Tomo II). Lisboa: Fundação Calouste de Gulbenkian

Bowe, P. (1989). *Jardins de Portugal*. Lisboa: Quetzal Editores.

Caldeira-Cabral, F. (1993). *Fundamentos da Arquitetura Paisagista*. Lisboa: ICN

Cortesão, M., Moreira, M. & Soromenho, M. (2010). *100 Anos de Património: Memória e Identidade. Portugal 1910-2010*. 2ª edição. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, I.P.

C.M. Fafe. (2016). *Descubra Fafe: Turismo acessível*. Disponível em: <https://issuu.com/cm-fafe/docs/revista-web-final.compressed/1>

C.M.Vila Nova de Famalicão. (2016). *Os Parques e Jardins da Cidade: Vila Nova de Famalicão*.

C.M.Vizela. (2016). *Visitar Vizela: Cidade*. Disponível em: http://www.vizela.pt/wp-content/uploads/2015/12/desdobravel_cidade.pdf

C.M. Vieira do Minho. (2016). *Vieira do Minho: Descobrir com os 5 sentidos*. Disponível em: <https://issuu.com/vieiradominho/docs/mapa-turistico>

Castel-Branco, C. (2001). *Necessidades: Jardins e Cerca*. Lisboa: Livros Horizonte.

Castel-Branco, C. (2014). *Jardins de Portugal*. Lisboa: Clube do Colecionador dos Correios.

Castel-Branco, C., Chambel, T., Raimundo, S., Sala, I., Salgado, R. & Soares, A. (2002) . *Jardins com História, Poesia Atrás de Muros* . Lisboa: Medialivros, S.A.

Castro, L. (2005). *Os Jardins da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Vila Real: UTAD

Camelo, L. . (2001) . *Cristal Gardens, Jardins do Palácio de Cristal | Porto* . Porto: Porto City Council

Carmo, H. & Ferreira, H. (1998) . *Metodologia da Investigação: Guia de Auto-aprendizagem* . Lisboa: Universidade Aberta .

Carvalho, A., Girão, A., Basto, A., Casimiro, A., Teixeira, C., Maia, C....Pascoais, T. (1994). *Guia de Portugal: Entre Douro e Minho: I. Douro Litoral* . (3ª ed.). (Vol. IV. Tomo I). Lisboa: Fundação Calouste de Gulbenkian

Catálogo de Exposição: PROAP . (Eds.). (1985 - 2000). *PROAP: Estudos e Projectos de Arquitectura Paisagista* . Lisboa: PROAP

Catálogo de Exposição: Paredes, R , Cabral. R., & Pereira, L. . (2012) . *Vibeiras* . (1ª ed.). (pp. 26-27) . Lisboa: Vibeiras S.A.

Cordeiro, V. (1988). *Jardins do Porto*. Porto: Câmara Municipal do Porto

Estadão, L. (2010). *Políticas de Inventário de Jardins Históricos em Portugal* . Lisboa: Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

Geddes C., Mitchell, S. & Pearson, R. (eds.). (1988). *Guide to Gardens in Britain*. Great Britain: Hamlyn

Guedes, R. . (2002) . *Os jardins e os Bosques da Quinta de Santo Inácio de Fiães* .

Hobhouse, P. & Galletti, G. (1998) . *Gardens of Italy*. Londres: Mitchell Beazley

Viana, A., Madeira, A., Gonçalves, A., Teixeira, C., Cortez, F., Araújo, I....Dionísio, S. (1995). *Guia de Portugal: Trás-os-Montes e Alto-Douro: I: Vila Real, Chaves e Barroso*. (3ª ed.). (Vol. V. Tomo I). Lisboa: Fundação Calouste de Gulbenkian

Pardal, S. (2006). *O Parque da Cidade, Ideia e Paisagem*. (2ª ed.) . Lisboa: GAPTEC

Penafiel: Quinta de Santo Inácio Empreendimentos Turísticos, LDA.

Pessoa, F. S. (2015). *A arquitectura paisagista em Ilídio Alves de Araújo: uma fotobiografia*. (1ª ed.). Faro: CULTURGAIA

Pinto-Correia, T., Cancela d'Abreu, A. & Oliveira, R. (2002). *Identificação de Unidades de Paisagem: metodologia aplicada a Portugal Continental*. Finisterra, vol. II, nr.72: 195-206

Rodrigues, J. (1993). *Arte, Natureza e a Cidade*. Porto: Àrvore, Cooperativa de Actividades Artísticas.

Santos, J. (1989). *O Palácio de Cristal e a Arquitectura do Ferro no Porto em Meados do Séc. XIX*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida.

Segall, B. (1999).Portugal. In Barbara Segall, *Gardens of Spain &Portugal*. (pp.102-139). Londres: Mitchell Beazley

Silva, A. (2015). *Os jardins do Palácio de Mateus*. Apart. 1, 1, 10-13

Scotland, Historic. (2012). *The Inventory of Gardens and Designed Landscapes in Scotland – A Guide for owners, occupiers and managers*. Escócia: Historic Scotland, Alba Aosmhor

Thébaud, P. (1988). *Guide Des 300 Plus Beaux Jardins de France*. Conservatoire des Jardins et Paysages, Marseille: Rivages

Tostões, A. , Pinto, A. , Blanchon-Caillot, B. , Cabral, F., Carvalhos, L. , Hauxner, M., Andresen, T. (eds.), & Camara, T. (2003) . *Do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Teses

Fretas, S. (2013). *Jardim da CCDDR-N: Recuperação e estratégias de conservação e gestão*. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Portugal.

Pinto, M. (2014). *Serralves e o Vale do Ave: Contributos para um Roteiro de Paisagem*. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Portugal.

Lima, A. (2013). *O Património das Quintas do Centro Histórico de Gaia*. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Portugal.

Marques, T. (2009). *Dos Jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na arquitectura paisagista em Portugal*. Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, Portugal.

Websites e Documento Electrónicos

ADRAVE, Agência de Desenvolvimento Regional. (2016). Project Park Atlantic: *Parks & Gardens Urban* . Disponível em: <http://www.atlanticurbangardens.com/pages/50#googtrans/auto/pt>

ADRAVE, Agência de Desenvolvimento Regional. (2016). Rota do Ave: *Património Industrial do Vale do Ave*. Disponível em: <http://www.rotanoave.com/Homepage.aspx>

AJH. Associação Portuguesa dos Jardins Históricos. (2015). *Jardins Associados*. Disponível em: <http://www.jardinshistoricos.pt/#!/jardins-associados/c84u>

Aves, Quinta das . (2016). “Quinta das Aves”. Disponível em: <https://www.casamentos.pt/quintas-para-casamentos/quinta-das-aves--e104197>

CCDR-N. (2015). *Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte* . Disponível em: <http://www.ccdrn.pt/>

Cerejeira, Casa da . (2016). “ Casa da Cerejeira” . Disponível em: <http://casacerejeira.blogspot.pt/>

Compostela, Casa de . (2016). “*Casa de Compostela*” . Disponível em: <http://www.casadecompostela.pt/>

Costa, Quinta da . (2016). “*Quinta da Costa*” . Disponível em: <http://www.quintadacosta.pt/>

Covelo, Quinta do . (2016) . “*Quinta do Covelo*”. Disponível em: <http://www.quintadocovelo.com.pt/>

Landim, Paróquia. (s.d.). *História do Mosteiro de Santa Maria de Landim* . Disponível em: <http://www.paroquialandim.com/Recursos/Arquivo/Historia.pdf>

Landim, Mosteiro. (2015). *“Mosteiro de Landim”*. Disponível em: <http://www.mosteirodelandim.com/>

Louro, Quinta da Ponte do . (2016) . *“Quinta da Ponte do Louro”*. Disponível em: <http://quintadolouro.com/>

Pindela, Quinta de. (2016). *“Quinta da Pindela”* . Disponível em: <http://www.quintadepindela.com/>

Património Cultural, Direcção Geral. (s.d.) *Mosteiro de Santa Marinha da Costa*. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74141/>

Sarmiento, Casa de . (s.d.). *Mosteiro de Santa Marinha da Costa* . Disponível em: http://www.csarmiento.uminho.pt/amap_4137.asp

Silva, A. (2015). *“Os jardins do Palácio de Mateus”*. UTAD-AP Online. Disponível em: <http://arquitecturapaisagista.utad.pt/paper001/>

SIPA .(2011). *Jardim da Cerca do Mosteiro de Santa Marinha da Costa/Parque da Pousada de Santa Marinha*. Disponível em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=30283

SIPA .(2011). *Mosteiro de Landim*. Disponível em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1714

Silva, Arquitecto Araújo . (2016). *“Quinta da Fiança – Famalicão”*. Disponível em: <http://www.arq-araujosilva.com/Trabalhos/work/28/0.01311200%201455859944>

Torre, Adega Casa da . (2015). *“Adega Casa da Torre”*. Disponível em: <http://adegacasadatorre.com/index.php>

Turismo, Guimarães. (2016). *Palácio e centro cultural Vila Flor*. Disponível em: http://www.guimaraesturismo.com/pages/153?geo_article_id=115

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. (2015). *Arte Paisagista no Norte de Portugal, Inventário de Sítios de Interesse*. Disponível em: <http://www.artepaisagista.utad.pt/>

Velha, Palácio da Igreja . (2016) . *“ Palácio da Igreja Velha”* . Disponível em: <http://www.palacioigrejavelha.com/>

C.M.Cabeceiras de Bastos . (2016) . *Cabeceiras de Bastos*. Disponível em: <http://cabeceirasdebasto.pt/>

C.M.Fafe . (2016) . *C.M.Fafe* . Disponível em: <http://www.cm-fafe.pt/pt/>

C.M.Guimarães . (2016) . *Guimarães Turismo*. Disponível em: <http://www.quimaraesturismo.com/>

C.M. Mondim de Basto . (2016). *Município de Mondim de Basto*. Disponível em: <http://municipio.mondimdebasto.pt/>

C.M. Póvoa de Lanhoso . (2016). *Município da Póvoa de Lanhoso*. Disponível em: <http://www.mun-planhoso.pt/>

C.M. Vieira do Minho . (2016) . *Município de Vieira do Minho* . Disponível em: <https://www.cm-vminho.pt/>

C.M.Vila Nova de Famalicão . (2016) . *Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão*. Disponível em: <http://www.cm-vnfamalicao.pt/>

C.M.Vizela . (2016). *Vizela* . Disponível em: <http://www.vizela.pt/>

C.M.Vizela . (2016). *Câmara Municipal de Vizela* . Disponível em: <http://www.cm-vizela.pt/>

Reguladora . (2016) . *Reguladora* . Disponível em: <http://www.reguladora.com.pt/>

Wikipédia. (2015). *Mosteiro de Landim*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mosteiro_de_Landim

Wikipédia. (2014) . *Mosteiro de Santa Marinha da Costa*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mosteiro_de_Santa_Marinha_da_Costa

Websites Atelies

ACB. (2015). *Projectos*. Disponível em: <http://www.acbpaisagem.com/projectos/jardins-privados/atelier-acb.htm>

Atelier do Beco da Bela Vista. (2015). *Project(o)s*. Disponível em: <http://www.atelierbbv.com/in2010/home.php>

Global . (2015) . *Projects* . Disponível em: <http://www.gap.pt/list.html>

Ilimitada, Paisagem . (2015) . *Projectos* . Disponível em: <http://www.paisagem.pt/PT/>

João Bicho | Joana Carneiro. (2015). *Projectos*. Disponível em: <http://www.ibjc.pt/projectos/lista-completa/>

Laura Roldão Costa. (2015). *Projectos*. Disponível em: <http://lauraroldaocosta.com/projetos/index.html>

Vibeiras . (2015). *Portfolio*. Disponível em: http://www.vibeiras.pt/index.php?option=com_phocagallery&view=category&id=1&Itemid=130&lang=pt

Neoturf . (2015). *Portefólio*. Disponível em: <http://www.neoturf.pt/pt/portefolio>

PROAP. (2015). *Projects*. Disponível em: <http://www.proap.pt/pt-pt/projecto/>